

ASSIGNATURA

EXTERIOR
12 numeros 12\$000

BRASIL
12 numeros 10\$000
N.º avulso.. 1\$000
N.º atrasado 1\$500

A Ordem

Toda correspondência deve
ser dirigida para a
Rua Rodrigo Silva,
N. 7

(ORGÃO DO CENTRO D. VITAL)
Director : JACKSON DE FIGUEIREDO
Redactor: PERILLO GOMES

RIO DE JANEIRO



D. FR. VITAL MARIA GONÇALVES DE OLIVEIRA, NOSSO PATRONO CUJO
MEIO CENTENÁRIO DE FALLECIMENTO PASSOU A 4 DE JULHO

Linhas C. G. A.

Compagnie Generale Aeropostale
Horario dos Aviões Postaes

Linhas C. G. A.

Chega..... Sabbado.....	Natal.....	Sae.....
Sabbado.....	Recife (Correspondencia com a linha de Europa...)	Quinta.....
Sabbado.....	Maceló.....	Sexta.....
Sabbado.....	Bahia.....	Sexta.....
Sabbado.....	Caravellas.....	Sexta.....
Sexta.....	Victoria.....	Sabbado.....
Sexta.....	Rio.....	Sabbado.....
Sexta.....	Santos.....	Sabbado.....
Quinta.....	Florianopolis.....	Sabbado.....
Quinta.....	Porto Alegre.....	Domingo.....
Quinta.....	Pelotas.....	Domingo.....
Sae.....	Montevideo.....	Domingo.....
Quinta.....	Buenos Ayres.....	Chega..... Domingo.....

1 Taxas de Transporte Aereo — Territorio Nacional — Cartas, Bilhetes — Em sellos especiaes de serviço aereo

DE	Natal	Recife	Maceló	Bahia	Carravelas	Victoria	Rio	Santos	Florianop.	Porto Algr.	Pelotas
a) Cartas, bilhetes b) Imp., amostras, encom. PARA	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou rc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50	5 gr. ou frc. 50
Pelotas	1\$000	1\$000	1\$000	\$750	\$750	\$750	\$750	\$500	\$500	\$350	—
Porto Alegre	1\$000	1\$000	1\$000	\$750	\$750	\$750	\$500	\$500	\$350	—	\$350
Florianopolis	1\$000	\$750	\$750	\$750	\$750	\$500	\$500	\$350	—	\$350	\$500
Santos	\$750	\$750	\$750	\$750	\$500	\$500	\$350	—	\$350	\$500	\$500
Rio	\$750	\$750	\$750	\$500	\$500	\$500	—	\$350	\$500	\$500	\$500
Victoria	\$750	\$750	\$500	\$500	\$350	—	\$350	\$500	\$500	\$750	\$750
Caravellas	\$750	\$500	\$500	\$500	—	\$350	\$500	\$500	\$750	\$750	\$750
Bahia	\$500	\$500	\$350	—	\$500	\$500	\$500	\$750	\$750	\$750	\$750
Maceló	\$350	\$350	—	\$350	\$500	\$500	\$750	\$750	\$750	1\$000	1\$000
Recife	\$350	—	\$350	\$500	\$500	\$750	\$750	\$750	\$750	1\$000	1\$000
Natal	—	\$350	\$350	\$500	\$750	\$750	\$750	\$750	1\$000	1\$000	1\$000

IMPRESSOS, AMOSTRAS. etc. — Pagarão as mesmas taxas, por 50 grammas ou fracção

2	De qualquer parte do Territorio Nacional para Argentina e Uruguay	} Pagarão as correspondencias ordinarias, pelo transporte aereo a taxa uniforme de 1\$000 por 5 grammas ou fracção.
3	De qualquer parte do Territorio Nacional para a Europa	

Alem das taxas da tabella annexa, paga a correspondencia a taxa postal simples em vigor.
Informações: — AVENIDA RIO BRANCO N. 50 — TELE PH. NORTE 7406

ASSIGNATURA

EXTERIOR

12 numeros 12\$000

BRASIL

12 numeros 10\$000

N.º avulso... 1\$000

N.º atrazado 1\$500

A OrdemToda correspondencia deve
ser dirigida para aRua Rodrigo Silva,
N. 7

(ORGÃO DO CENTRO D. VITAL)

Director : JACKSON DE FIGUEIREDO

RIO DE JANEIRO

Redactor: PERILLO GOMES

D. VITAL

...*Has de extrenuamente de fender a causa de Deus e nada omittir que possa dizer respeito á salvação do rebanho a ti confiado.*"

Pio XI

Quando algum dia se escrever a historia religiosa do Brasil, muita gente se tomará de espanto ao verificar que, em nenhum outro dominio da vida nacional, existe uma tão copiosa successão de factos e figuras, sobre os quaes a nação possa melhor edificar o seu orgulho, proclamar as virtudes da sua raça e fundar a esperança dos seus destinos.

Essa historia será, além disso, um monumento erguido em preito de justiça á memoria dos que, obscuros e humildes, entre soffrimentos sem conta e os mais dolorosos ultrages, foram os verdadeiros constructores da nossa nacionalidade, embora tivessem como immediato escopo ganhar as almas para o Reino de Christo.

E, como brasileiros e christãos maior será o nosso desvanecimento quando afinal soubermos todos destacar dentre essa legião de bravos que a historia erguerá das campas silenciosas, a figura soberana e dominadora de um simples religioso, de D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, capuchinho, Bispo-martyr, Bispo confessor da fé, Bispo de Olinda sob os Pontificados de Pio IX e Leão XIII.

Bessuet, o genio incomparavel da oratória sagrada de França, no seculo XVII, ao trazer o panegyrico de Louis de Bourbon, principe de Condé, confessava desolado: "Nós, fracos orado-

res, nada podemos diante da gloria das almas extraordinarias" e lembrava, a seguir, a palavra dos Proverbios: "Só as acções os podem devidamente celebrar."

Assim, pois, o que nem os primores do verbo affeito aos mais arrojados surtos da eloquencia poderão conseguir, conseguiu-o-á, no emtanto, a fiel e desataviada narração dos factos; isto bastará para que resalte em todo o seu fascinante esplendor, a historia de uma grande vida.

Com essa convicção é que nos animamos a apresentar aqui um esboço da historia de D. Vital, nosso patrono.

"Não houve, jámais, vida mais alta e mais nobre do que a sua, nem outra existe mais cheia de ensinamentos para os nossos dias e de conforto para as nossas almas, para as almas de todos aquelles que ainda se conservam fieis ao seu pensamento de restaurar o amor de Jesus Christo em nossos corações tão incertos e dolorosos, e em nossa vida publica, tão incoherente e cheia de iniquidades.

Queremos, deste modo, commemorar o meio centenario do seu fallecimento, occorrido a 4 de Julho de 1878, no convento de sua Ordem em Paris, ao tempo em que endereçamos a Deus nossas fervorosas preces, para que a Santa Igreja premeie os seus trabalhos e soffrimentos, elevando ás honras do altar o grande Bispo brasileiro.

DADOS BIOGRAPHICOS

D. Frei Vital ou Antonio Gonçalves de Oliveira, segundo o seu nome de familia, nasceu em 27 de Novembro de

1844, na localidade chamada Pedra de Fogo, na então provincia da Parahyba.

Iniciou seus estudos no Collegio Diocesano do Recife onde se manifestou sua vocação para o estado sacerdotal.

Seguro de ter encontrado o caminho do seu destino, entregou-se-lhe com absoluta confiança. Assim é que a 16 de Dezembro de 1860 recebia a tonsura e iniciava os estudos de Theologia no seminario de Olinda.

Dois annos depois solicitava dos Padres Capuchinhos do Recife, admissão na sua Ordem, os quaes, não o podendo receber, aconselharam-no a procurar o geral dos Capuchinhos francezes em Paris.

Nesse mesmo anno segue D. Vital para a França e matricula-se no seminario de Saint Sulpice, onde termina a sua educação ecclesiastica, finda a qual, após vencer mil obstaculos consegue ser admittido no noviciado dos Capuchinhos em Versailles, ordenando-se em 2 de Agosto de 1868 em Toulouse.

Tres mezes depois o novo Capuchinho embarcava para o Brasil, em virtude do seu precario estado de saude, vindo ensinar Philosophia no seminario de S. Paulo.

Ahi, aos 26 annos de idade, o surprehende a nomeação para Bispo de Olinda, diocese então vaga pela morte do seu pastor.

Envolvido nos ardentes acontecimentos, que deram uma grande projecção á sua figura, D. Vital, tendo regressado depois a Europa, ahi fallece em 4 de Julho de 1878, no convento da sua Ordem em Paris.

O CARACTER DE D. VITAL

No lar, no collegio, no seminario, em toda a sua vida de criança e de adolescente, segundo o testemunho dos que o conheceram nessa phase de sua existencia, D. Vital se affirmou sempre por uma particular docilidade de maneiras, por uma edificante humildade para com os collegas e superiores, e, ao mesmo tempo, por uma rara solicitude no cumprimento dos seus deveres e uma firmeza inabalavel em suas resoluções.

Sua mãe verificando no filho essa

amalgama de sentimentos que aparentemente se contradizem, o chamava ainda na verdura dos annos, de "homem de espanto". E um dos seus mestres francezes e igualmente seu director espiritual, o Padre Apollinaire, escreveu, após sua morte, estas palavras perfeitamente reveladoras da sua original organização espiritual:

"Tive o consolo de ir até o fundo da sua consciencia e de ler claramente em su'alma. Nunca lhe notei a mais leve perturbação. E sua serenidade me parecia tanto mais de admirar quanto eu o sabia extremamente sensível.

A fonte porém da sua imperturbavel tranquillidade eu a via em uma virtude e uma intelligencia tão elevadas, que o embate de todas as faltas ou miserias de que era victima ou testemunha, evidentemente não passava, aos seus olhos, de combates de formigas.

Este jovem de apparencia tão franzina e lastimavel, era contudo superior a todos os homens que o cercavam e a todos os acontecimentos que o attingiam."

De todos os informes do seu tempo e das pessoas que com elle conviveram até o momento em que a sua figura se destaca no scenario publico, se conclue que D. Vital era uma natureza affectiva mas governada pela reflexão. Não se lhe conhecem, nesse passado, tendencias para a impulsividade nem para a cega obstinação. Era prudente e porque prudente, firme nos seus actos.

SUA RECUSA A' DIGNIDADE EPISCOPAL

Tendo abraçado a vida monastica por vocação e tendo obtido essa graça á custa de esforços sobrehumanos, D. Vital sentira completar-se a sua felicidade no dia em que se confirmou a sua definitiva incorporação á Ordem Seraphica.

Sua nomeação para Bispo causou-lhe, por isso, uma grande surpresa e uma profunda desolação.

Ao ter a noticia dessa nomeação elle, sem perda de tempo, escreve uma carta afflicta ao Ministro do Imperio, o Conselheiro João Alfredo, pedindo-lhe intercedesse junto ao Imperador para

que seja reconsiderado o acto allegando motivos de molestia, falta de preparo para tão elevada situação e, por fim, sua pouca idade.

O Ministro refuta essas allegações e dá por definitiva a sua elevação á dignidade episcopal.

D. Vital appella para o seu Superior em S. Paulo no sentido de que reforce o seu acto de recusa. Este, ao contrario disto, o obriga a aceitar o cargo sob obediencia.

Com sua licença appella ainda para o Geral da Provincia em Pariz e, ao mesmo tempo, para o Santo Padre, com o mesmo objectivo.

Aquelle mantem a decisão do Superior de S. Paulo e o Santo Padre, que era então Pio IX, responde-lhe do seguinte modo:

“Os sentimentos manifestados em tua carta, amado Filho, firmemente nos persuadem, que, se bem não tenhas ainda idade madura para o gravissimo cargo episcopal, és a elle realmente chamado por Deus. O conceito humilde que de ti formas, o medo do formidavel onus, o cuidado em declinar de ti a dignidade offerecida, e ao mesmo tempo a plena conformidade ás disposições do acto, assim como attestam idonea disposição de tua alma para assumir tamanho officio, assim promettem que te hão de alcançar largamente os auxilios do Ceu. A declaração que fazes de teu affecto e obediencia para com a Igreja e esta Sé Apostolica, da magua que tens sentido pela nefasta guerra que lhes é feita, do proposito de cada vez mais estreitamente adherir a uma e outra, e de por uma e outra combater com ardor, mostram que tu, confirmado com a superna virtude, *has de estrenuamente defender a causa de Deus, e nada omitir que possa dizer respeito á salvação e proveito do rebanho a ti confiado.*”

E termina prodigalizando-lhe algumas palavras de animação e enviando-lhe a Benção Apostolica.

D. Vital submete-se e accéita, por fim, a nomeação.

OS PRODROMOS DA LUTA RELIGIOSA

Feito Bispo, a mal de seu grado, D. Vital, depois de sagrado em S. Paulo, seguiu para Pernambuco onde foi recebido triumphalmente. Segundo as chronicas do tempo, não havia memoria de uma festa igual naquella provincia, taes foram a sua imponencia, animação e brilhantismo.

Assumindo porém o governo da sua diocese verificou logo D. Vital a exactidão das informações que lhe haviam dado, relativamente á situação lastimavel em que se achavam ali as principaes irmandades, isto é, completamente entregues a maçons. E peor ainda: uma grande parte do Clero secular se achava tambem filiada á seita condemnada.

D. Vital se propoz, então, remediar a situação, depois do seu 4º mez de episcopado. Muniu-se de farta documentação referente aos fins da Maçonaria em relação á Igreja e notadamente dos actos pontificios condemnando essa sua secular inimiga e primeiro convocou os padres maçons a uma reunião em seu palacio.

Ahi, com paternal solicitude expoz a secular questão, tendo o consol o de receber de todos, á excepção apenas de 2, a abjuração da malsinada seita.

O mesmo procedimento usou D. Vital em relação aos leigos, obtendo tambem um grande successo.

Aqui, porém, o terreno era mais difficil, pois se verificou que os mais poderosos, os que verdadeiramente dispunham dos destinos das irmandades, permaneceram recalitrantes.

D. Vital nada conseguindo delles por meios suasorios, recorreu ás penas canonicas e interdictou as irmandades, igrejas e capellas que se achavam sob o jugo dos rebellados.

O APPELLO A' COROA

Impedidas de funcionar nos actos religiosos, as irmandades revoltadas recorreram ao Governo Imperial, sob a allegação de se acharem soffrendo coacção e violencia.

Accepto o recurso, ordenou o Ministro do Imperio a D. Vital, que levantasse os interdictos no prazo de 15 dias.

D. Vital se recusou a tomar conhecimento dessa ordem, mantendo portanto o seu acto.

Em vista disto foi pelo Procurador da Corôa ordenado se fizesse a denuncia do Bispo e determinada a sua prisão. Trazido ás barras do Supremo Tribunal de Justiça foi elle condemnado a 4 annos de prisão com trabalhos forçados, pena que foi immediatamente commutada pelo Imperador, para prisão em praça de guerra.

D. Vital, foi então recolhido á fortaleza de S. João, em precario estado de conservação, onde permaneceu durante um anno e meio, sendo por fim amnistiado.

OS FUNDAMENTOS DO PROCESSO

O Governo Imperial acceptou o recurso das irmandades interdictas sob o fundamento de que sendo ellas organizações mixtas, de piedade e caridade, cahiam por igual, tanto sob a alçada do poder espiritual quanto do temporal. Isto concebido, não podia o poder espiritual, em caso grave, agir sobre ellas, sem audiencia e assentimento do outro poder.

E ainda pelo presupposto de que exigindo a Constituição do Imperio o *placet* do Governo para que as Bullas Pontificias tivessem valimento no Brasil, e sendo as Bullas que condemnavam a Maçonaria, daquellas que não haviam sido apresentadas para receber essa formalidade legal, os Bispos não poderiam portanto invocal-a em acto algum do seu ministerio, como invocavam no caso das irmandades.

O libello da promotoria accusa o Bispo de desobediencia ao Governo e de ter posto obstaculo a que "tivesse o devido effeito a ordem do Poder Executivo" relativamente á suspensão dos interdictos.

RESPOSTA DA DEFESA

A' primeira arguição responde a defesa que si é certo que as irmandades

eram organizações mixtas, era igualmente certo que cada um dos poderes tinha em relação a ellas, attribuições perfeitamente definidas. Sendo assim, do mesmo modo que não se concebia a ingerencia do poder espiritual quando as irmandades incorressem, por delicto civil, em penalidades temporaes, também não se justificava a interferencia da autoridade civil em actos de natureza puramente ecclesiastica, como era o caso em lide, porquanto os interdictos haviam sido lançados exclusivamente sobre a acção estrieta e religiosamente d'aquellas corporações.

E tanto isto era verdadeiro que ellas poderiam se reunir, continuar a administrar seus bens e proseguir a sua missão meramente caritativa, beneficente, social.

A' segunda arguição responde que o "placet" era pedido somente para que as Bullas se incorporassem á legislação do Imperio e podessem os Bispos requisitar os prestimos do Governo para lhes dar plena execução.

Não pretendendo os Bispos solicitar o apoio da força para agir contra os maçons, o "placet" perdia no caso a sua razão de ser.

De outro modo seria sugerir as decisões dos Pontifices á sabedoria dos Governos, isto é, transferir-lhes as prerogativas do doutorado e da infallibilidade que foram conferidas á Santa Igreja por seu divino fundador.

A' terceira arguição responde que não ha desobediencia quando se trata de resistencia a uma ordem impropriedade ou illegal.

De facto, tendo sido os interdictos lançados apenas sobre a parte das irmandades que escapa á jurisdicção civil, a intervenção do Estado, no caso, era sem contestação possivel, um acto de usurpação e tyrannia.

A' quarta arguição responde que sendo a resistencia opposta pelo Bispo, de caracter passivo, não poderia, por isso, em bôa razão, ser a causa activa da falta de effeitos relativamente á ordem do Governo para que fossem levantados os interdictos. O insuccesso, no caso, não era devido sinão á falta de meios em que elle se encontrou para dar exe-

eução á sua ordem. E esta falta de meios era uma prova insophismavel de que o Governo estava agindo em alçada alheia.

ARGUIÇÕES DA DEFESA

A defesa provou ainda que o Governo se desmandava em violencias:

a) dando provimento ao recurso das irmandades, sem competencia para o fazer;

b) dando ordem á autoridade ecclesiastica em materia em que era a mesma soberana;

c) fingindo desconhecer que o appello em casos desta natureza só podia ser para o Metropolitano ou para a Santa Sé;

d) ordenando o processo sem forma legal visto ser a Constituição do Imperio omissa quanto aos preceitos a seguir para o julgamento dos dignatarios da Igreja; nem havia nenhum acto legislativo posterior corrigindo essa omissão;

e) desprezando elementos substanciaes na formação do processo, dado que fosse possível aceitar a hypothese da sua legitimidade, o que só por si bastava para o invalidar;

f) apoiando uma accusação formulada no dominio do vago, do incoherente e das analogias forçadas, em virtude de não ter podido a promotoria publica caracterizar o delicto do prelado, segundo a legislação penal vigente;

g) submettendo o Bispo a um Tribunal incompetente, quer perante os dispositivos expressos do Direito Canonico, quer perante a letra e o espirito da Carta Politica do Imperio.

A OBSTINAÇÃO DO GOVERNO

Tendo persistido o Governo no seu intento de levar á prisão o Bispo de Olinda, vê-se que a elle não interessava apurar e punir um crime, porém castigar, justa ou injustamente, um principe de Igreja, por motivos inconfessaveis.

Sinão, vejamos.

Examinadas serenamente todas as ac-

cusações de que se tornou éco a promotoria publica, verifica-se que uma apenas se presta a um simulacro de punição legal: a supposta desobediencia do Bispo a uma ordem do Governo.

E tanto assim é que o Ministro do Imperio, ao ordenar o processo do D. Macedo Costa, Bispo de Grão-Pará, que procedera na questão das irmandades de maneira identica á de D. Vital, só a esse crime se refere.

Não importa que a promotoria publica se desvelasse nos enxertos de delictos, quando offereceu denuncia áquelle eminente prelado. Não se podia impedir que esse funcionario quizesse dar arrhas do seu zello aos patrões do momento...

O certo é que o Governo terminou não vendo na attitude dos Bispos sino o seu acto de desobediencia ao poder civil.

Acontece porém que o artigo do Código Penal que compendia o delicto, era o 20. Mas esse artigo indicava apenas como penalidade, 6 dias a 2 mezes de prisão, facultando ainda ao réo defender-se solto. A accusação, teve ordem, no entanto, de agravar o delicto para o artigo 96, que exigia, de 2 a 6 annos; sobre o pretexto de ter o Bispo obstado o effeito das ordens do Governo.

E' sabido que o Bispo resistiu passivamente: sabido ainda que obstar os effeitos da ordem do Governo, seria impedir, pela força ou por qualquer outro meio de coacção, as autoridades designadas pelo mesmo Governo para executar a ordem que não fôra obedecida, resaltam a improcedencia e a iniquidade da imputação.

Mesmo porque saltava aos olhos que, si as autoridades civis a quem fôra dada semelhante incumbencia nada conseguiram, foi simplesmente porque o Clero se negou a desrespeitar as ordenações da Igreja, e os magistrados civis não podiam substituir os padres nos actos do culto religioso.

A attitude pois, do Governo, significava um acto de reprovavel obstinação, dando a entender que obedecia a influencias muito poderosas, a tal ponto que

não se temia de sacrificar assim escandalosamente, nesse caso, a mais elementar noção de pundonor.

OS COMPROMISSOS DO GOVERNO

A questão que estava em foco era uma questão fundamentalmente religiosa.

Não ignoramos que um dos mais grosseiros sophismas do Governo, no caso, era precisamente a insistencia em fazer crêr que se tratava de uma questão meramente politica.

Si, comtudo, por palavras elle fazia tal affirmação, com os actos se contradizia, dado que para dirimir a questão fez um appello ao Papa, enviando a famosa embaixada Penêdo á Santa Sé.

Não poderia haver maior disparate, mais ridiculo contrasenso do que pedir a mediação da suprema autoridade religiosa para solucionar um mero incidente de politica domestica!

Este simples facto demonstra á evidencia que o proprio Governo tinha a consciencia de que estava a braços com uma questão religiosa.

Assim sendo, dada a situação particular do Chefe do Governo e de alguns membros do Ministerio em relação á seita que provocou a questão, a Maçonaria, uma attitude mais prudente fôra de esperar de homens taes.

E' sabido que o Sr. Visconde do Rio Branco, chefe do Governo, exercia justamente nessa época, o cargo de Grão Mestre de um dos grandes orientes do Rio. Maçon como elle era o Sr. Visconde de Caravellas, Ministro de Estrangeiros. Em summa, quasi todo o Gabinete se compunha de maçons.

Deste modo, mais do que nenhum outro, esse Ministerio estava no dever moral de proceder na questão com absoluta cautela, não avançando um passo que podesse ser suspeitado como um acto de parcialidade em favor dos seus irmãos de "officina".

Além disso, concorria uma outra circumstancia digna de nota, que ainda mais obrigava o Governo a tomar postura menos intollerante: pouco antes de surgir a questão de Olinda, occorreu no Rio, um incidente de que resul-

tara uma manifestação collectiva da Maçonaria e uma campanha intensa de imprensa, contra a Igreja, planejada e alimentada pelas "lojas". Este incidente foi a suspensão de ordens do Padre Almeida Martins, que pronunciara um discurso em uma festividade maçónica e publicara na imprensa o dito discurso.

Taes circumstancias pois, que aggravavam em muito as responsabilidades do Governo Imperial em face a um incidente religioso, deviam influir no animo do Gabinete no sentido de obstar qualquer intervenção sua, menos conciliadora, em assumptos referentes á Fé Catholica.

Si em vez disto, porém, tal como aconteceu, o Governo Imperial preferiu enveredar pelo caminho do despotismo, fazendo-se algoz e perseguidor dos que pela função mesma do seu magisterio eram obrigados á defeza da Fé, a conclusão unica que se pôde tirar é que elle se achava preso a compromissos de partido, de corrilho, cujos interesses se sentia na obrigação de attender, quaesquer que fossem os sacrificios exigidos, ainda mesmo os da propria compostura, os da propria dignidade.

A IMPRUDENCIA DE D. VITAL

Necessitado de cavar o desprestigio do Bispo recalcitrante, no seio geralmente incauto da opinião publica, o Governo tentou, de varios modos, comprometter-lhe a reputação. O seu caracter traçado, por exemplo, pelo Barão de Penêdo, o chefe da mallograda missão a Roma, é tudo quanto ha de mais inveridico e de mais perfido.

Comtudo, a tecla que mais insistentemente feria o meio official, era a da imprudencia, interessado em que D. Vital fosse tido como um "testa calda", um impulsivo, um homem sem o habito da reflexão.

Já vimos pelo testemunho que nos foi dado, exactamente pelos que melhor o conheceram, que o Bispo Martyr era um temperamento em inteira opposição ac dessa caricatura que a versão official impunha. D. Vital era precisamente o homem sereno, "superior a to-

dos os acontecimentos", julgando tudo de cima, do alto, sem se apaixonar jamais pelos episodios das lutas humanas, dos "combates de formiga".

Estava longe de ser um provocador. Menos ainda um aventureiro que corresse atraz da luta. Simplesmente não era um homem capaz de recuar num caminho, quaesquer que fossem os perigos, si a consciencia lhe ditava o dever de proseguir. De D. Vital, pois, o que se póde dizer sem faltar á verdade é que elle não tinha mêdo da luta.

Não era, decerto, um "valiente". Mas, ainda menos um poltrão.

Não obstante, si é factio que houvessem sido frustadas todas as tentativas para deprimir a figura de D. Vital, somos forçados a confessar que uma produziu effeito: essa de apresentalo como imprudente.

Ainda hoje não são poucos, até mesmo entré catholicos, os que repetem que o Bispo de Olinda provocou a famosa questão religiosa por falta do necessario espirito de ponderação. Isto nos leva a recordar aqui, detalhes do vergonhoso episodio, de que ha em nossos tempos muito fraca memoria.

AS PRIMEIRAS MEDIDAS

Vejamos primeiro o ambiente que encontrou em Recife, o grande Bispo de tão gloriosa memoria.

Já dissemos que D. Vital foi recebido delirantemente na sua cidade episcopal. Mas o seu triumpho foi de curta duração. A imprensa maçonica, sem justificativa em nenhum acto do Bispo, iniciou uma violenta campanha contra elle, campanha que dentro em pouco, com igual violencia, se generalizou á propria Igreja e aos seus dogmas.

Não tendo surtido o effeito que de tal campanha os maçons esperavam, dada a impassibilidade do Bispo, machinaram elles, uma provocação mais directa. Estando proximo o dia de São Pedro um desses jornaes a soldo das "lojas" annunciou que nesse dia seria celebrada Missa Solemne, na Igreja de S. Pedro, para festejar o anniversario de uma loja maçonica.

D. Vital tendo conhecimento do factio, em circular reservada, prohibiu terminantemente o Clero de funcionar ou tomar parte em qualquer manifestação relacionada com a Maçonaria. E a Missa não foi celebrada.

Irritados com este insuccesso, os maçons redobram de injuria nos seus jornaes.

D. Vital não deu attenção.

Durava já 4 mezes a envenenada e torpe enxurrada dos órgãos maçonicos e D. Vital continuava aparentemente inerte.

Alguns catholicos começaram a mostrar impaciencia. E houve quem accusasse o Bispo de covardia.

Certo dia, porém, occorre um factio da maior gravidade, que obrigou D. Vital a sahir da sua attitude de reserva: A "Verdade", um dos órgãos maçonicos do Recife, iniciara uma série de artigos infames, sacrilegos, sobre a Eucharistia e a Immaculada Conceição de Nossa Senhora.

Estes artigos causaram uma sensação extraordinaria. D. Vital entrou então, a desenvolver actividade. Promoveu uma solemnidade de reparação á Virgem pelos aggravos soffridos, falando nesse momento, pela primeira vez, em uma festividade publica.

Sua oração foi vibrante. Quanto havia em sua alma, de affecto á Rainha dos Céos e de indignação pelas offensas que lhe foram feitas, desabafou diante do seu povo em surtos de eloquencia que empolgaram a multidão.

Todavia obsteve-se de qualquer manifestação de hostilidade aos seus inimigos e inimigos de Jesus Christo.

A imprensa maçonica ainda uma vez vencida, mais se enfureceu e, perdendo todo o respeito ás suas proprias conveniencias, declarou que o Clero, o Cabido e as irmandades estavam cheios de maçons. E a seguir publicou os nomes dos sacerdotes e fieis filiados ás varias "lojas" pernambucanas.

Já agora o desafio lançado não era só um acto de audacia. O Bispo não tinha mais a justificativa da ignorancia, pelo menos presumível, para deixar de applicar ao caso, as saneções da Igreja. Já agora, era forçado a agir.

Foi o que fez. E não o fez, como vimos, precipitada nem autoritariamente. Chamou ao Palacio os culpados e ali os exhortou paternal e carinhosamente. E só os recalcitrantes, só os que preferiram seus interesses, suas vaidades, ao proprio decôro da Igreja, foram os que incorreram nas penas lançadas por D. Vital.

A DESAPPROVAÇÃO DA SANTA SÉ'

O Governo, como já dissemos, mandou uma missão á Santa Sé, para tratar da questão religiosa, missão confiada ao Barão de Penêdo.

Pelas instrucções do Ministro de Estrangeiros de então, verifica-se que o objectivo desta missão era obter do Santo Padre que desautorizasse o acto dos Bispos de Olinda e Pará, suspendendo, os interdictos lançados pelos mesmos ás irmandades.

A difficuldade de communicações do tempo, o facto de então occupar o cargo de Secretario de Estado da Santa Sé, um grande politico, digamos um politico, genial, porém, um homem visceralmente politico, Antonelli, e o de se achar como Nuncio no Rio, precisamente, um sobrinho do Cardeal Secretario, além de outras circumstancias, concorreu para que o Papa fôsse mal informado acerca dos acontecimentos que se passavam no Brasil. Além disto, teve grande influencia no animo do Santo Padre a immerecida confiança depositada no agente diplomatico brasileiro, fazendo que Sua Santidade se inclinasse por fim, no sentido de uma medida de tolerancia.

Deve-se dizer que o Governo, nas instrucções dadas ao Barão de Penêdo, foi incisivo, não desejando que se occultassem á Santa Sé, as severas resoluções tomadas em relação aos Bispos envolvidos no conflicto.

Simplesmente está fóra da comprehensão ordinaria, que o Governo supuzesse obter com arrogancia o favor que necessitava do Santo Padre!

Mas o que importa no momento é a verificacão de que o Governo Brasileiro não quiz illudir o Pontificio.

O Barão de Penêdo, porém, como diplomata, comprehendeu logo que orientando a sua missão segundo as instrucções recebidas, não havia meio de salvar-a de uma derrota. Tomou então a iniciativa de sómente lêr nas instrucções do Sr. de Caravellas aquillo que pudesse concorrer para o successo das suas negociações. Fez mais ainda: não sómente occultou factos e circumstancias de garvidade, como ainda avançou affirmacões inveridicas.

Assim agindo elle obteve que o Cardeal Secretario expedisse ordens, em nome do Santo Padre, para se levantarem os interdictos pelo espaço de um anno, ordens que não chegaram a ser cumpridas porque D. Vital, advinhando as circumstancias em que haviam sido obtidas, usou de um habil estratagem, communicando da sua prisão que, para evitar mal entendidos na applicação das ditas ordens ia solicitar instrucções á Santa Sé. E mandou então a Roma, pessoa de sua confiança, levar informações exactas sobre a verdadeira situação da Igreja no Brasil e os elementos seguros de julgamento acerca da questão religiosa que se agitava.

Sabe-se que o Santo Padre approvou completamente este acto de D. Vital. Sabe-se igualmente que por uma Enciclica datada de 29 de Abril de 1876, Pio IX deu a mais solemne approvação ao procedimento do grande Bispo na luta emprehendida pela Igreja no Brasil. E a negação formal com que respondeu nivariavelmente aos seus instantes pedidos para renunciar á dignidade episcopal, no que o acompanhou o seu successor Leão XIII, attesta perfeitamente que D. Vital esteve sempre em plena conformidade não só com a doutrina, porém, igualmente com o espirito que anima, desde os seus primordios, e animará até a consumação dos seculos, a Igreja de Jesus Christo.

D. VITAL E OS CATHOLICOS LIBERAES

Sem a minima duvida, D. Vital foi uma victima da Maçonaria.

A opinião publica do tempo assim o proclamava. Elle mesmo assim se considerou. E a ella imputou muito mais do que a perseguição de que foi victima. Elle a responsabilizou pelos seus soffrimentos physicos e pela sua morte.

De facto, D. Vital ligava o aggrava-mento do seu estado de saude a uma manifestação de envenenamento que apresentara certa noite, no Palacio da Soledade. Elle tinha a maxima convicção de que uma habil preparação de arsenico fôra eriminosamente posta no seu quarto de dormir, de que resultaram os seus padecimentos d'ahi por diante.

E tão forte era no seu animo tal convicção, que mesmo na hora derradeira da sua vida, depois de recebido a Extrema-uncção, no principio da sua agonia elle exclama para o Irmão Vicente que lhe servia de enfermeiro, após um violento accesso de tosse:

“Foi veneno”.

Aliás o Dr. Ozanam, que o tratou, declarou-se convicto de que seu cliente fôra victima de um envenenamento.

E é igualmente de notar que os medicos constatarem no corpo de D. Vital, quando cadaver, uma placa caracteristica das intoxicações arsenicaes.

Como quer que seja, tenha ou não tenha produzido a sua morte, o que fica acima de tudo demonstrado é que D. Vital foi uma victima da Maçonaria.

Mas, porque em paiz christão, como o nesso, tanto poudes a seita feroz?

Porque encontrou aqui, lhe preparando o ambiente, a perigos acasta dos catholicos liberaes.

Catholico era o Imperador do Brasil; catholicos eram quasi todos os membros do Ministerio e do Tribunal que condemnou o Bispo de Olinda; catholica era a maioria do parlamento, da magistratura, eram, por assim dizer, em sua quasi totalidade, povo e Governo, nos membros de maior representação.

Acontece, porém, que eram catholicos liberaes, que queriam conciliar as divinas prerogativas da Egreja com as ordenações do regalismo governamental; que queriam harmonisar com os canones catholicos os imperativos do

laicismo revolucionario; que queriam, em summa, alterar em materia de disciplina e de doutrina religiosas, o que a propria Egreja já estabelecera como regra e principio indeclinaveis.

O Imperador, era sabido, foi educado por um Bispo pouco orthodoxo. E grande parte dos nossos homens publicos tinha o espirito formado ao sabor dos Encyclopedistas e do charlatanismo demagogico da Revolução Fran- ceza.

Graças, pois, a essas incongruencias da mentalidade catholica no Brasil, foi facil á Maçonaria insinuar-se entre os catholicos e ainda mais: prevenir contra um Bispo que fazia honra aos da phase apostolica, o animo de juizes, de parlamentares e de uma certa parte dos que tinham no momento responsabilidades de poder ou de influencia no seio da opinião publica.

Deste modo, si D. Vital foi victima, como não resta duvida, da Maçonaria, não é pequeno o gráo de responsabilidade que tiveram nos seus soffrimentos e nas suas amarguras, os catholicos liberaes.

SOFFRIMENTOS DE D. VITAL

Uma das mais espantosas demonstrações do quanto pódese sobre o mundo physico uma solida organização meral, encontra-se na vida do nosso grande Bispo.

Ainda menino sua saude já era precaria. Trazia no rosto estampada uma pallidez mortal. E sua compleição franzina lhe tornava a figura ainda mais lastimavel.

Quando, adolescente, bateu ás portas do convento dos Capuchinhos em Pariz, encontrou formal recusa, em vista da sua apparencia doentia.

Tal foi nõ emtanto a insistencia do jovem que, a titulo de experiencia, lhe foi concedida a admissão no noviciado. Ahi, devido á excessiva severidade do Sub-Inspector de novigos nas provas a que submettia, sua humildade e seu espirito de sacrificio, o estado de saude de D. Vital, tornou-se ainda mais periculante.

Após uma das mais humilhantes provas, o Sub-Inspector, transformado em seu algoz, fez a seguinte declaração: "Estou convicto de que não ha nada que o faça encolerizar-se".

Certa vez, conta o Padre Louis de Gonzague, "no fim do inverno de 1863, no mez de Março, o frio produzira-lhe uma forte irritação na garganta. A tosse, uma tosse secca e obstinada, atormentava o seu peito pouco vigoroso. Elle, todavia, não se queixava, em parte por espirito de sacrificio e em parte na esperança de que os primeiros dias da primavera, já proxima, lhe trouxessem allivios aos seus padecimentos.

Chegada, porém, a esperada estação e não tendo diminuido os seus soffrimentos, elle se julgou na obrigação de dar sciencia ao Padre Mestre, do seu estado. Este, para experimental-o ainda uma vez, respondeu-lhe seccamente. "A melhor maneira de vos curardes é não prestardes attenção a vosso mal".

O noviço então alheiou-se a qualquer deligencia para fugir á molestia. De tal modo, porém, o seu estado se aggravou que, dous dias depois, foi chamado um medico, o qual declarou ser a tosse de character pernicioso.

Dahi por diante, não têm conta os soffrimentos de D. Vital. Quasi lhe foi negado fazer profissão de fé, em virtude da sua saude sempre periclitante. Durante algum tempo andou perigrinando pelos conventos da Ordem, na França, em busca de um clima que applacasse os seus padecimentos. Por fim, o medico da communitade declarou que si D. Vital escapasse do inverno do anno em que se encontravam, fatalmente succumbiria no do anno proximo. Foi-lhe communicado o prognostico do facultativo. E como para completar os estudos para pertencer a Ordem, fossem necessarios mais 3 annos de permanencia em França, o Superior se promptificou a desligal-o dos votos já feitos, dada a impossibilidade em que se encontrava D. Vital de continuar no estrangeiro.

D. Vital preferiu permanecer em França, affrontando a morte, a renunciar á sua mais cara ambição de ser frade capuchinho.

Deus foi servido que elle concluísse, embora no meio dos maiores padecimentos, os estudos necessarios á sua ordenação.

Regressando ao Brasil, seu estado apresentou logo alviçareiras melhoras. E quando deixou S. Paulo para assumir os destinos da sua diocese, gosava de boa saude.

Seus soffrimentos physicos reaparecem durante a prisão na fortaleza de S. João, então em lastimavel estado, infecta, insalubre. E se aggravam certa noite quando de regresso ao Palacio da Soledade, elle manifestou, como já dissemos, positivos symptomas de envenenamento arsenical.

Sua volta á Europa foi devido principalmente ao recrudesimento dos seus males, que não obstante, vão augmentando sempre de intensidade até que su'alma vóa em busca da patria celestial.

A MORTE DE D. VITAL

Chegado pela ultima vez á França, D. Vital dirige-se para o convento dos Capuchinhos em Paris. Vinha já proxima a Paschoa e elle se encontrava de cama. Sua molestia marchava de maneira decisiva, a despeito do carinhoso tratamento. E elle estava seguro de que se aproximava seu derradeiro dia, completamente resignado com a vontade de Deus. No dia 3 de Julho de 1878, vespera de sua morte, pediu que lhe fossem administrados os ultimos sacramentos. Como notasse hesitação da parte do seu confessor, disse-lhe resolutamente: "Eu vou morrer, estou certo disto, dê-me a extrema-uncção".

Tudo foi feito conforme sua determinação.

Consultado se desejava fazer testamento, respondeu: "Sou frade menor capuchinho; quero morrer na pobreza, da qual fiz voto. Aliás que testamento poderia fazer si nada possuo?"

Ao anoitecer deste dia, os religiosos do convento, trazendo velas acesas rodavam a cama de D. Vital. Ao admi-

nistrar-lhe a communhão, o P. Chrysostomo, Superior Provincial, pronunciou uma curta e commovente allocução acerca das suas luctas no Brasil e supplicando-lhe perdoasse aos seus inimigos, acabada a qual, o moribundo, fazendo um grande esforço para se erguer, declarou em voz pausada e clara: "Eu lhes perdôo, a todos, sem excepção, tudo o que me fizeram. Já o declararei em minhas cartas pastoraes e o confirmo neste momento. Offereço minha vida a Deus em proveito da minha igreja de Olinda".

Depois do que, "elle commungou e recebeu a extrema-uncção, acompanhando attento todas as ceremonias e recitando preces com os religiosos emocionados até ás lagrimas. Em seguida ficou só com o seu enfermeiro, o P. Veran e, durante uma parte da noite, não pronunciou uma palavra sequer, absorvido em prece interior".

Depois voltaram ás dores com o amanhecer do dia. A's 2 horas houve uma pausa, notando os circumstantes que D. Vital, fitando um ponto do quarto, como que cahira em extase. Voltando a si, indaga do enfermeiro: "Viste aquella grande Dama que agora aqui esteve?"

Os soffrimentos, porém, recomeça-

ram. A's 9 horas da noite teve um accesso violento, findo o qual declarou ao enfermeiro. "Foi veneno". A's 10 horas agita-se demasiadamente e exclama: "Oh! meu irmão, que escandalo, que escandalo".

D. Vital entra a se contorceer violentamente e dá mostras de que procura alguma cousa. O enfermeiro lhe apresenta uma pequena imagem de Nossa Senhora que se achava proxima. O moribundo aperta-a de encontro ao coração e começa a agonizar.

"Até ahi o moribundo tinha soltado gemidos. Sua voz, de subito, se faz clara; exclamações de alegria e felicidade parecem annunciar a victoria adquirida após violentos combates. Sua figura se illumina, sua bocca se abre e torna-se radiosa; elle me olha, diz o enfermeiro e eu, de tão emocionado pude apenas dizer: *Ora pro nobis*. Elle solta tres suspiros e, no ultimo, estava tudo acabado".

E assim partiu deste mundo, em terra estranha, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, o Bispo Martyr, Confessor da Fé, sob cujos auspicios a nossa pequena phalange trabalha, soffre e lucta pela gloria da Igreja e pelo bem do Brasil.

AOS NOSSOS AMIGOS

Recommendamos, ainda uma vez, encarecidamente, aos nossos amigos, que amparem a nossa revista indicando novos assignantes para a mesma ou simplesmente o nome de pessoas a quem possamos dirigir este appello.

A direcção

A Igreja e a Civilização Contemporanea

TRISTÃO DE ATHAYDE

O meu reino não é deste mundo.

Unamuno apoia-se nessa palavra evangelica para combater ardentemente na sua "Agonia do Christianismo" a acção temporal da Igreja.

Sim, pode-se-lhe responder, o reino de Christo entre nós até a consumação dos seculos neste mundo. Para isto veio Christo ao mundo. E a Igreja é Christo entre nós. Christo entre nós até a consumação dos seculos, segundo a promessa evangelica. O Christianismo é uma religião historica. Uma religião que se funda em um facto historico central, supremo, que se desenrolou em 33 annos, ou se quizerem em 3 annos, ou se quizerem ainda, em poucas horas.

Mas esse facto historico, esse momento real, preciso, delimitavel no curso da historia, não é um facto isolado ou antes solitario. Não é uma cruz que se levante no meio dos tempos, no curso dos seculos, e que aponte os seus braços tragicos para os dois extremos do horizonte. Não. A cruz, como Christo o disse, é de cada dia. Mas é sobretudo de cada seculo. E de uma sociedade innumeravel de homens por todos os continentes. E' a Igreja. A Cruz presente a cada seculo novo, a cada civilização nova, a cada nova phase do tempo.

O Chistianismo não é portanto um ponto na historia. E' o proprio curso da historia. Não fôra isso e não seria nada. Seria apenas uma religião a mais, um romantismo mystico a mais, entre tantos que, no correr dos seculos de historia conhecida têm perturbado a serenidade de todos os homens ou consolado as suas aspirações de unidade divina.

A Igreja é portanto, a successão de Christo. E' Christo succedendo visivelmente entre nós a cada momento do tempo. Christo universal e não apenas palestinico. De todos os tempos e não apenas do A. D. I. a XXXIII. Em todas as formas e não apenas nos trajes dos judeus, nas palavras aramaicas, no céu e na paisagem

que cercaram o Filho do Homem.

A Igreja é por tanto, a propria vida de Christo através dos seculos, entre os homens, em contacto com todas as civilizações. A Igreja não é uma criação de S. Paulo como querem tantos negadores, dentro ou fóra do Christianismo. Dos milagres o menor. Se a Igreja fosse fundação de um homem, mesmo de um santo, seria inexplicavel. O paradoxo da fé é muito menos exigente que os paradoxos da razão pura, Christo, Filho de Deus, explica a Igreja. S. Paulo, filho dos homens, tornaria a Igreja absurda.

Mas se olharmos assim, a temporalidade da Igreja deixa de ser esse escandalo que arripia as almas candidas como a de Unamuno. Não é uma instituição humana enxertada em Christo que procura fazer viver entre os homens o reino d' Aquelle que não é desta terra. E' a persistencia de Christo entre os homens. E' a persistencia na terra do que veio á terra para dizer aos homens que a terra não era tudo.

E sendo assim, nada do que é humano pode ser extranho á Igreja. Ella não é um poder *para a terra*. Mas é um poder na terra, para a eternidade. Ella lembra sempre aos homens que a morte existe. Mas que nem só a morte existe. E que a vida não é apenas uma preparação para a morte, mas ainda e sobretudo uma preparação para vencer a morte.

Tudo que é humano, no correr dos tempos e das vicissitudes historicas, recae portanto sob a acção directa ou indirecta da Igreja. Podem os homens trocar dessa prerogativa, podem combater essa pretensão. Pouco importa. A verdade não é o que nos parece ser. A verdade mostra-se como é. Pouco lhe fará que nós saibamos ou não descobril-a. O que é, pode ser negado indefinidamente. Nem por isso deixará de ser.

A Igreja, portanto, acompanha as civilizações, transcendendo-as. Ella já tem

visto o surto de algumas, que definharam mais depressa do que nasceram.

É pela obra dos seus próprios filhos.

Mustapha Kemal começa o aniquilamento moral do Islam, Lening aniquilou de vez o Imperio Russo. A Social-Democracia allemã aniquilou o Imperio Allemão. E assim por diante. O que nasceu desafiando a morte, acaba morrendo por suas proprias obras. Mas a Igreja não pode morrer pois não chegou a nascer. Não nasceu como as coisas da terra. E não pode morrer como as coisas da terra.

Ella acompanha as coisas da terra, porque a sua funcção é não abandonar nada do que seja humano ou mesmo apenas natural. Pois não é o homem apenas a obra prima de Deus. É tudo o que o cerca, o que o supõe, o que o permite. A totalidade das coisas animadas e inanimadas.

Nada pode escapar a Deus, nem a Christo, nem á Igreja. A sequencia é uma só. Sem solução de continuidade.

O reino de Deus não é da Terra, porque a Terra é o reino do homem. Mas nada do creador pode escapar ao creador. E o homem é creado, como as suas obras

são creadas, ou como a materia primeira das suas obras foi creada. Tudo de uma só vez, concretamente ou por meio de forças de desdobramento. O homem é a maior dessas forças de desdobramento. É tudo o que elle cria está tão ligado a elle, creador, como elle proprio a quem o creou. Tudo é uma só harmonia interior. De modo que as civilizações que são a obra maior do homem sobre a terra, conjuncte de todas as suas obras parciaes, não podem ser apenas uma obra temporal e ephemera. Como o homem, de que ellas são a expressão mais completa, e orgulhosa, ellas fazem parte desse patamar daquelle Reino, que não é desta terra.

Não ha portanto usurpação nenhuma, nem deturpação nenhuma de sua missão essencialmente espiritual, na temporalidade relativa da Igreja.

Dahi o interesse de conhecermos quaes as suas soluções em face do problema social contemporaneo, o mais immediato, o mais premente, o mais tragico de todos os problemas que o mundo moderno tem de enfrentar.

JOSEPH DE MAISTRE E A CONTRA-REVOLUÇÃO

(Jackson de Figueiredo)

I

Origens Remotas e Profundas do Satanismo Revolucionario

Os tempos modernos não são, como muita gente parece crer, um resultado da Revolução Franceesa. Se a locução quer exprimir a attitude libertaria do espirito, a do homem que se propõe a si mesmo como regra e fim da propria actividade humana, a chamada Grande Revolução não foi mais que a "vietoria" da modernidade, assegurada por processos politicos cada vez mais violenta toda a sua vida durante a Idade Media: quiz marchar por uma estrada livre e independen-

te. Tomando por esse caminho, pareceu ao Europeu dos tempos modernos que pela primeira vez se haviam descoberto o homem e o mundo humano, comprimidos pela Idade Media. E muita gente ainda em nossos dias, cega pela fé humanista, imagina que é ao humanismo, ao começo dos tempos modernos, que se deve a descoberta do homem."

lentos, e ajudada por uma technica militar que póde apresentar-se, por sua vez, como o resultado mais positivo e mais perfeito do espirito scientifico.

É na Reforma lutherana, isto é, na primeira experiencia da liberdade humana sobre a materia viva da so-

cidade européa, que devemos verificar a origem desta caudal de males, que parece ameaçar os povos christãos de uma inundação desrespeitadora de todos os limites.

A Reforma! “Demissão do homem, abandono pessimista á animalidade, prefacio do abandono optimista de Jean-Jacques e da falsa *sinceridade* da ascése immoralista”... (1)

A descida era fatal.

Um dos mais agudos analysts da miséria e da esperança entre as quaes nos debatemos, assim resumia o processo da nossa ruina:

“O homem affastou-se do centro religioso a que submette-

Nossa epoca, no entanto, — diz elle ainda — porque, com mais funda acuidade, penetrou todas as antinomias da vida, já é conhecedora das suas origens e começa a comprehender que o que houve foi um fatal desvio, um abuso de si mesmo, e que “á raiz da fé humanista, se escondia uma autonegação virtual do homem e da sua queda”.

“Quando o homem rompeu com o centro espiritual da vida, emergiu da profundeza e passou a viver o superficial. Seu distanciamento do centro espiritual o foi tornándo a mais e mais superficial.

“Tendo perdido o centro espiritual do ser, perdeu, ao mesmo tempo, seu proprio centro espiritual. Uma tal de-centração da essencia humana era a ruina da sua constituição organica. O homem deixou de ser um organismo espiritual. E, então, á periphéria mesma da vida, surgiram os centros enganosos.

“Os órgãos subordinados da vida humana, tendo-se libertado de sua relação organica com o verdadeiro centro, se proclamaram a si mesmos centros vitaes.

“Consequentemente, o homem se fez cada vez mais superficial. (2).

A's vespéras da Revolução Francesa este processo de desmoralisação interna já era, no homem europeu, uma obra perfeitamente realizada. Estavam mortas as guerras de religião, agonisavam as formas exteriores, os aspectos physicos, digamos assim, do movimento de revolta contra a autoridade espiritual da Santa Sé, isto é, contra a unidade es-

piritual do Occidente.

A instabilidade da chamada politica de equilibrio nem parecia depender mais da inquietação religiosa ou de qualquer outra corrente tão profunda dos dominios do espirito.

O mundo europeu e as suas sementes, espalhadas na America, pareciam viver só de interesses, só se mover por interesses, só temer questões de interesses, interesses politicos, economicos, financeiros, materiaes, enfim, e, todos, mais ou menos particularissimos, entre dynastias, entre povos, entre classes, entre individuos, mais ou menos proximos, mais ou menos forçados, a comer do mesmo lado na gamella de Epicuro.

E não viam, com excepção de raros espiritos, que o que se expandia era o “abandono optimista de Jean Jacques, a falsa sinceridade da ascése immoralista”...

Se a dor, o soffrimento, não offendiam, de modo directo, os mais responsaveis dentre os homens, á hora mesma em que se forjavam os raios da Grande Revolução, é porque os optimismos dessa natureza quasi sempre coincidem, psychologicamente, com uma especie de paralyisia geral do systema nervoso social. Não é difficil, em taes circumstancias, suppor-se que Deus habita em nós, ou que somos deuses, ou que, pelo menos, tomamos posse do paraíso.

A sociedade européa do fim do antigo regimen era esse doente, um doente assim, prestes a morrer, e tendo todas as tentações de orgulho e da vaidade.

Já lhe haviam dansado sobre o ventre Voltaire e os seus saltimbancos, e Rousseau lhe dera as delicias da arte, dynamisando o que a pretensa sciencia do homem já ajuntara de tenebrosos venenos idealisticos. (3).

Mais ainda: Kant, “Platão putrefacto” (4), já impellira sobre o mundo a ultima onda de fundo, verdadeiramente temerosa, do individualismo anti-christão.

Déra, pois, a razão o que pudéra, e esquecida da aspera palavra do proprio Lutero: “E' luz o que espalha a razão? Sim, como quem espalhasse uma immundicie pósta numa lanterna”. (5)

E, de facto, que póde a razão sem a graça?

Ainda mais grave: que póde a razão contra a graça? Que podem os homens — as creaturas racionais — si se afastam do seu centro de vida espiritual?

Que póde o homem sem Jesus Christo?

O que então se viu, e o que se veria, e o que está a ver-se: moverem-se entre inmundicies, a que a propria razão — pela “bondade” mesma, pela força mesma da sua economia interna — obra de Deus, destinada á verdade e ao bem — irá emprestando coherencias, cohesões, harmonias artificiaes, não raro satanicas ou satanisadas, no sentido de que nada mais traduzem já que uma tendencia para o nada, para a negação do proprio homem. (6).

Porque foi esse phantasma, esse espectro, esse desdobramento morbido da razão, o que, realmente, da Reforma á Revolução, guiou os homens que, já distanciados de si mesmos, não podiam fugir, no entanto, aos impulsos primaciaes de seu ser, e buscavam, necessariamente, o soberano Bem.

A confusão não se fizera primeiramente na pratica. Fôra, antes, theorica, porque ha-de ser sempre a intelligencia o guia da vontade, em derradeira analyse, quem levará os homens ao céu ou ao inferno e, na terra, á ordem ou á desordem.

Dizem que um dia perguntaram ao Cardeal Lavigerie como procederia se lhe dessem uma bofetada na face esquerda.

Elle respondeu: “sei como deveria proceder; não sei como procederia.”

O que a sociedade européa já perdera, áquella hora de sua vida, fôra esse saber doutrinal, essa face interna do seu christianismo.

Não poderia haver duvida de que, esbofetada pela força anarchica que alimentara no seu proprio seio, agiria como quem não tem compromisso alguma com a ordem da caridade.

(1) — Jacques Maritain — *Trois Reformateurs* — Plón, edit. Paris, 192, pag. 12.

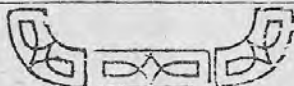
(2) — Nicolas Berdiaeff — *Un nouveau Moyen Age* — Trad. franc. Plon, ed. Paris, 1927, pags. 11-13.

(3) — Rousseau, foi, em verdade, o genial vulgarizador de Wolf, a cuja doutrina, essencialmente revolucionaria, faltava somente uma maior capacidade de sympathia, para impor-se á sensibilidade geral. “*Sous sa forme abtruse, cette doctrine n’était á la portée que des raisonneurs rompus á l’algebre de la métaphysique. Rousseau l’anima de son étrange genie, et la lança, toute vive et palpitante, au milieu de la foule: la lumière terne et glacée du dialecticien n’atteignait point les ames passionées: Rousseau la fit luire dans le trouble des sens et les orages du coeur: il lui livra le monde.*” — Albert Sorel *“L’Europe et la Revolution Française* — Plon, Ed. Paris I, 104.

(4) — Joseph de Maistre, *Oeuvres*, I.

(5) — Apud Maritain — *Obr. cit.* pag. 46.

(6) — E’ o que exprime Joseph de Maistre quando, nas *“Considerations sur la France”*, assim nos fala: “*Le mal est le schisme de l’être; il n’est pas vrai*” — *Oeuvres*, I, 49.



A AMNISTIA

O assumpto da amnistia, com a abertura do Congresso, voltou de novo a figurar no cartaz dos debates apaixonados.

É agora, entre as opiniões favoráveis á sua concessão contam-se a de mais dous respeitáveis prelados brasileiros.

Contudo o aspecto da questão continua o mesmo. E quanto á opinião dos excellentissimos bispos, não versando sobre materia especifica do seu sagrado ministerio, evidentemente é passivel das mesmas criticas a que estão sujeitas as de todos os apologistas da medida.

Relativamente á amnistia, pouco nos caberia dizer, visto como "A Ordem" possui doutrina firmada sobre a questão, e não temos descoberto, por mais que procuremos, nos novos debates, motivo sufficiente para mudar de rumo.

Hoje, como hontem, portanto, affirmamos que a amnistia não é meio idoneo para solucionar os males causados pelos pronunciamentos militares destes ultimos tempos. É os factos nos convencem, cada vez mais, que ella seria agora entre nós, de consequencias funestas.

Realmente, é preciso não estar acompanhando de perto os movimentos dos porta-vozes dos revolucionarios, as declarações dos seus chefes ostensivos e as investidas da sua numerosa imprensa para acreditar que os in-submissos só aspiram a integração no seio do seu lar, da sua patria e no circulo das suas antigas actividades.

O Sr. Luiz Carlos Prestes, por exemplo, não faz muito tempo, declarou a um jornalista seu affeiçãoado que, amnistiado ou não, continuará a exercer sua actividade revolucionaria. O Sr. Mauricio de Lacerda promette, para breve, uma offensiva geral, de Sul a Norte; e o diapasão da imprensa revolucionaria e da oratoria parlamentar da esquerda, varia entre alternativas de queixumes lyricos e apostrophes pejadas de baldões ou de ameaças.

Si este é um modo de demonstrar desejos de apasiguamento, convenhamos, pelo menos, que é um modo bastante singular!

Emquanto isto, que vemos da parte do Governo?

São um esforço real para attrahir as sympathias dos revoltosos, pelo menos uma attitude de alta compustura e serena expectativa.

Aos tribunaes, como competia, entregou a decisão da sorte dos rebeldes. E sempre que as circunstancias permittem, não se dedigna de favorecer com a sua complacencia, a pessoas e familias de revoltosos. E muito mais seria licito ainda esperar da sua generosidade, se os advogados dos revoltosos ou elles proprios, não estivessem a comprometter a sua causa exigindo como um acto de reparação, como um acto de capitulação, o que só se justifica quando pôde significar um largo gesto de clemencia, digamos mesmo, de caridade, da parte de quem tem sobre os hombros o encargo da administração publica.

Quanto a se dizer que a opinião publica é favoravel á amnistia, isto nada vale em nossa maneira de julgar. A opinião publica, é sabido, tem as idéas que lhe emprestam, no momento, os mais habeis ou os mais audaciosos.

A opinião publica, no caso vigente, tem a opinião que lhe fornece a imprensa opposicionista, a mais vasta, a mais prospera, a mais influente precisamente porque tira o seu prestigio da exploração das paixões populares.

O argumento aliás é imprecedentede na bocca de muitos que a elle se soceorrem. Poder-se-ia demonstrar que tantos dos que actualmente o apresentam com certa emphase, deram outr'ora as mais escandalosas demonstrações de desprezo pela mesma opinião publica, quando enfeixaram alguma parcella de poder nas mãos. E não faltam na propria historia da Igreja, entre nós, incidentes em que os prelados estiveram em conflicto com a opinião publica, certamente mal orientada, como aconteceu, não faz muito tempo, aqui proximo, em Juiz de Fora.

Um outro argumento que tambem não nos impressiona é o de que a amnistia é um facto constante em nossa historia politica, visto que a essa constancia corresponde tambem a frequencia dos movimentos revolucionarios. Isto significa, para nós, a fallencia da amnistia como correctivo das actividades sediciosas.

Em conclusão: nós ficamos onde sempre estivemos, isto é, firmemente contrarios em these e no facto, á amnistia, para o caso particular dos actuaes revoltosos como para o geral de quantos venham a surgir, em iguaes condições, aqui ou fóra daqui, mas principalmente no Brasil.

A Conferencia do Sr. Calogeras

Julgando em conjuncção a conferencia produzida pelo Sr. Pantia Calogeras, no Instituto Historico, na sessão commemorativa do meio centenario do fallecimento de D. Vital, não nos dispensamos de prodigalisar ao orador nossos mais calorosos louvores pela isenção de animo com que faz o commentario dos factos, pela justa apreciação do character de D. Vital, pela perfeita demonstração do espirito regalista predominante no Imperio e principalmente pela segura prova que offerece, da inqualificavel injustiça do processo que foi movido contra nosso patrono e seu glorioso companheiro de luctas e soffrimentos, o Bispo do Pará. E' tambem de notar que o Sr. Calogeras esclarece ainda circumstancias da maior importancia na questão dos Bispos, como, por exemplo, a acção pessoal de Pedro II nesse lastimavel conflicto de que resultou, sem a menor duvida, a queda e ruina do Throno entre nós.

Cumprindo esse dever, o que fazemos com a maior satisfação, esperamos nos conceda o Sr. Calogeras a necessaria permissão para offerecer alguns reparos a affirmações da sua substanciosa peça oratoria.

A separação entre a Igreja e o Estado

O Sr. Calogeras endossa a these condemnada do liberalismo, da separação da Igreja do Estado e achou esta solução a unica que comportava o caso brasileiro pela coexistencia entre nós de varios credos religiosos. E' ainda agrava essa temerosa affirmação, interpretando mal o pensamento do Episcopado Brasileiro da época, que a seu juizo, "*poude celebrar o acto da separação confissional, decretado pelo Governo Provisorio, como uma providencia libertadora*".

Não entraremos aqui a discutir com S. S. o principio da separação. Qualquer compendio de direito publico da Igreja convencerá o conferencista de que este principio é anticatholico e indefensavel.

Quanto, porém, ao "facto" da separação entre nós, precisamos desfazer o erro em que incorreu o conferencista.

Effectivamente, na Pastoral Collectiva de 1890, além de outras passagens frisantes e expressivas sobre a questão pode-se ler o seguinte:

"Em nome, pois, da ordem civil, da paz publica, em nome da concordia dos cidadãos, em nome dos direitos da consciencia, *repellimos* nós os catholicos, a separação da Igreja do Estado: *exigimos* a união entre os dois poderes".

Não podia ser mais formal, mais peremptoria a condemnação ao principio e ao facto da separação, o que nos dispensa de adduzir outros argumentos para demonstração da involuntaria inexatidão deste passo da conferencia do estadista mineiro.

Innocuidade da Maçonaria Brasileira

Ao que parece, o conferencista perfilha tambem a these da innocuidade da Maçonaria brasileira, attribuindo a isto a circumstancia de tantos catholicos e até sacerdotes se acharem á mesma filiados, circumstancia que, pelo contrario, se nos assemelha como aggravante do mal que ella, Maçonaria, representou e representa entre nós.

A Maçonaria é uma sociedade universal. Sua direcção é internacional. Certamente suas modalidades de acção exterior variam com as circumstancias de tempo e de lugar. No Brasil como em Portugal, logrou ella se insinuar nos proprios meios ecclesiasticos para desmoralizar a Religião ou utilizar-se do seu prestigio para os fins que tinha em vista. Porventura, embora a massa no Brasil fosse catholica, será ponto controverso que a nossa elite intellectual e politica tivesse mentalidade licia, jansenista, liberal? E que parcellade responsabilidade não terá a referida seita na formação regalista das classes dirijentes da Nação?

Poderemos, em face disto, acreditar na sua innocuidade?

No caso particular, mesmo, das irmandades, já se teria offerecido sufficiente contestação ao seu papel de docil instrumento das "lojas" para enfraquecer e anniquillar no Imperio o poder do Clero na direcção das almas?

Pensamos que, a nosso respeito, o que se poderia dizer é que havia maior numero de illudidos, maior numero de incautos, muito maior numero de pessoas filiadas á Maçonaria ignorando sua historia e sua finalidade.

A imprudencia dos Bispos

Não nos parece que o Sr. Calogeras aceite a arguição de imprudencia, lançada aos Bispos, na famosa questão religiosa. Notamos contudo que se escusa a dar a sua opinião, esquivando-se com expressões restrictivas como esta: "Nessas questões de foro intimo de noções de responsabilidade, e, mais ainda, de responsabilidade perante Deus, quem pode serenamente sentenciar?"

As difficuldades, concordamos, para opinar em casos desta natureza, não poderão ser dominadas por todo o mundo.

Mas é fora de duvida que não são invencíveis. A prevalecerem taes hesitações para julgar *a posteriori* de um facto sobre o qual são passados mais de 50 annos, e que portanto nos offerece todos os dados possiveis para a necessaria operação intellectual, então não haveria como fugir ao mais inclemente sceptismo psychologico.

Que os Bispos agiram com cautela, com a mais caridosa prudencia, é hoje ponto incontroverso. Illudida pela informação perfida do Barão de Penedo é provavelmente pela infiel correspondencia do Intermuncio Sanguini, a Santa Sé chegou a se manifestar inclinada a crêr que os Bispos houvessem agido com uma certa precipitação. Em vista do que, o Cardeal Antonelli escreveu a famosa carta de suspensão dos interdictos a D. Vital, que foi revogada, tão promptamente chegaram ao conhecimento do Santo Padre as verdadeiras noticias do caso

Os termos desta carta, como argumenta D. Macedo Costa, ao contrario do que assualhavam os meios governamentais, vêm em apoio dos Bispos, porque as medidas de tolerancia que aconselhavam foram precisamente as que os Bispos haviam posto simultaneamente em execução, o que se havia occultado ao Summo Pontifice.

Assim sendo, não ha maneira de, em boa razão, alimentar hoje em dia a maior duvida sobre o espirito de ponderação com que agiram D. Vital e D. Macedo Costa, na questão com as irmandades.

Carta de censura

Um ponto, aliás, que não pode ficar sem algumas observações é o em que o conferencista se refere á "carta de censura a D. Vital", que teria sido enviada pela Santa Sé.

O Governo, na sua Missão á Roma, o que visava principalmente era uma condemnação ao acto dos Bispos. O Barão de Penedo salienta que a censura ao Bispos é a sua grande victoria, não ligando sinão uma importancia secundaria ao levantamento dos interdictos.

Pois bem, o documento, a "carta de censura" recebida por D. Vital, de que foi mandada copia a D. Macedo Costa, e que este transcreve no seu livro "A Questão Religiosa", em substancia, como diz o Bispo do Pará, "condemna e reprova, sim, e de modo o mais formal, a maçonaria; esta carta condemna e reprova, sim, e do modo mais formal, aquelles Bispos que por sua incuria e deslexo a tem deixado impunemente tomar posse dos nossos templos, etc".

"Mas os Prelados que procuraram com todo zêlo e empenho remediar a esta situação que a Santa Sé em uma Encyclica declarou intoleravel, e que o fizeram com firmeza e energia, sim, com salutar severidade, é verdade, mas depois de esgotados primeiro todos os meios suasorios, etc., esses Prelados não são aqui tocados por advertencias ou censuras algumas; ellas passam sobre suas cabeças e vão bater em outra parte".

A Questão "Política" do Mexico

A embaixada mexicana no Rio, após os insucessos com que se notabilizou no quadriennio passado, volta de novo a manifestar actividade na imprensa carioca. Seu objectivo, como era de prever, consiste em alliciar sympathias em favor dos governantes da infeliz Republica a cujo soldo se acha.

Sem duvida nenhuma todo esforço será em pura perda, no sentido de justificar um Governo cuja obstinação no crime, cuja sede insaciavel de sangue christão, cujo odio implacavel á Cruz e á bengam que desce dos seus braços redemptores, fizeram o Mexico recuar aos tempos dos Vespasianos, Domicianos, Trajanos, dos cezares dos primeiros seculos do Christianismo.

Alguma cousa, no emtanto, resulta do ultimo esforço dessa embaixada: é uma confissão que enche de tristeza e vergonha o Mexico, é a confissão de que as luctas que se travam ali são de origem politica.

Simplemente o deligente diplomata que chefia aquella chancellaria dispensou-se do trabalho de dizer os motivos porque a questão mexicana é uma questão politica. Esta lacuna nos propomos agora a preencher.

O Mexico, é sabido, possui em seu solo fabulosas riquezas. E destas, bastenos recordar o seu extenso lençol petrolifero.

Sua vizinha, a grande Republica do Norte, como era de esperar, tem para elle voltados olhos cubigosos.

De uma vez estendeu-lhe mesmo as mãos e carregou-lhe duas provincias: a California e o Texas.

Seus processos de absorpção, porém, variaram. Queremos dizer que os Estados Unidos mudaram de tactica, pre-

ferindo o dominio pacifico pelo monopolio da vida economica do Mexico.

Só um obice se erguia a esse plano diabolico: a reacção dos naturaes esclarecidos pelos guias da sua fé: o clero catholico.

A grande nação vizinha, porém, se propoz a eliminar esse obstaculo, estabelecendo a divisão da familia mexicana com a insidia da propaganda protestante.

Esse plano encontrou em Juarez, Presidente do Mexico, um docil executor. E veio se desenvolvendo systematicamente até os nossos dias, como ponto de honra do Partido Liberal d'aquella nação.

Deste modo, o programma de anti-catholização do Mexico a que o Presidente Calles se entregou com tanto ardor, até a allucinação, foi o mesmo de Obregon e de quasi todos os Presidentes daquela Republica. Este programma porém, representa acima de tudo, pelas razões expostas, uma transacção politica dos governos revolucionarios mexicanos com a potencia vizinha. Esta os garante no poder, até com a sua força armada. Aquelles, porém, facilitam o trabalho de infiltração e predominio economico da grande Republica. E tão altos resultados têm os Estados Unidos auferido desse negocio, que um simples ramo das seitas que no Mexico representam os seus interesses, os Baptistas, só elles possuem mais em terras e immoveis do que possuia a Egreja antes do ultimo confisco.

Compreende-se agora porque a embaixada mexicana insiste na affirmacção de que é uma questão politica a que mantém seu paiz em pleno estado revolucionario.

Introdução á Philosophia Tradicional ou Classica

Iniciamos a publicação desta obra de H. Petitot, traduzida por Jackson de Figueiredo, por especial concessão de seu Autor ao presidente do Centro D. Vital e ao nosso illustre socio Dr. A. L. de Mello Veira, que foi quem, em França, conseguiu tão alto favor.

Este livro obteve um largo successo em França, tendo-se esgotado promptamente todas as suas edições.

PREFACIO

Os philosophos tradicionaes ou classicos nem sempre sabem até que ponto é inacessivel á grande maioria, mesmo dos espiritos cultos, a sua doutrinação. O estylo da Escola, tecnico, abstracto, formal, affasta os leitores modernos. Desejariam estes que se lhes apresentassem as verdades adquiridas sob formas mais attrahentes, com uma physionomia mais conforme aos seus habitos de pensar, ao seu estado de espirito. E poderá parecer perfeitamente legitimo esse desejo, e tambem que nada é mais facil do que satisfazê-lo. Mas, empreendida a obra, verificar-se-á que o emprehendimento é muito mais difficil do que se imagina. Pode-se mesmo duvidar se é possível. Será necessario que os fructos do pensamento, como os da virtude, se protejam de uma triplice cerca de espinhos, e só os possa provar quem, antes, tenha soffrido muito?

Seria desejavel, porém, facilitar o accesso da philosophia classica a esta mceidade, tão interessada ultimamente, generosamente predisposta, ao que parece, mas que, é evidente, não se preoccupa muito com as doutrinas da Escola. Não é isto, aliás, comprehensivel? E pode-se exigir de jovens bachareis que prefiram ler Aristoteles e seus commentadores a Descartes, Taine, Renan, Nietzsche ou Bergson? "O mundo está-se perdendo — dizia gracejando um dos primeiros companheiros do Padre Lacordaire — porque não se lê mais Goudin". E' possível; mas o mundo preferiria perder-se a ler Goudin. E, no entanto, é impossivel resignar-se a esta especie de ostracismo em que a sociedade moderna conserva a philosophia da Escola. "Um Padre da Igreja, um doutor da Igreja, que nomes! Que tris-

teza no que escreveram! Quanta secura! Que devoção fria! e talvez, que escolastica! — dizem aquelles que já-mais os leram". (1)

Têm allegado, muitas vezes, os neo-escolasticos, um celebre testemunho de Leibniz em favor da sua doutrina. Citaram-no mesmo tão frequentemente que alguns philosophos christãos entenderam ridicularizar essa insistencia. Deve ser, pois, bem importante esse texto; merece que o citeemos de novo e na integra: "Sei, — eis o que escrevia Leibniz — que afianço um grande paradoxo pretendendo, de algum modo, rehabilitar a antiga philosophia e lembrar *post liminio* as formas substanciaes quasi banidas; mas talvez não se me condemnará levemente, quando se souber que tenho meditado muito sobre a philosophia moderna, que empreguei muito do meu tempo em experiencias de physica e demonstrações de geometria: que durante muito tempo fui um convencido da vaidade destes seres, que, por fim, fui obrigado a considerar, de novo, contra a minha vontade e como que forçado, após ter eu proprio feito pesquisas que me levaram a reconhecer que os modernos não fazem justiça plena a S. Thomaz e a outros grandes homens daquelle tempo, e que ha no pensar dos philosophos e theologos escolasticos bem mais solidez do que geralmente se crê, contanto que delles nos sirvamos a proposito e com justeza. Estou mesmo persuadido de que, se algum espirito meditativo se dêsse ao trabalho de esclarecer e digerir as ideas delles, á maneira dos geometras analyticos, encontraria um thesouro de muitas verdades importantissimas e realmente demonstrativas". (2).

Estas preciosas e suggestivas palavras são de molde a fazer reflectir os modernos sobre o valor dos seus preconceitos, e podem tambem levar os escolasticos a examina-se, de posse da verdade, não têm descuido de a apresentar sob uma forma mais literaria e mais accessivel.

Não é que todos se devam entregar á vulgarização. E', pelo contrario, absolutamente necessario, que muitos trabalhem em aprofundar as questões mais especiaes, segundo o methodo formal e a terminologia technica, e nunca lou-

varemos bastante esses especialistas, que vão até o fundo das cousas mais abstrusas, sondam a obscuridade, e trazem à tona as mais preciosas verdades.

E' preciso permittir, porém, aos que se consagram á divulgação dos conhecimentos adquiridos, que procedam com menos rigor e não raro apresentem as theses de modo imperfeito e incompleto. Acontece que, muitas vezes, mutuamente se criticam especialistas e vulgarisadores. E' um erro. Necessitam-se egualmente, entre si, e, se bem que seja desigual, o merito o papel de uns e outros, sob aspectos diversos, é egualmente arduo e util. Esforcemo-nos para comprehender, de uma vez por todas, que os defensores da verdade se devem ligar como os elos de uma cadeia capaz de reprimir as doutrinas impias, que se propagam no universo com a rapidez do incendio.

Nesta obra não nos propusemos tratar de questões especiaes como a da existencia de Deus, da espiritualidade da alma, dos fundamentos da obrigação moral, etc., pois estamos persuadidos de que se não podem estudar com proveito essas theses particulares, se as abordamos com defeituosas disposições de espirito, se nos falta methodo, se não possuímos, enfim, uma visão de conjunto da philosophia tradicional. Eis porque nos pareceu opportuna uma especie de pequena *Introdução* á philosophia, que indicasse a *attitude* a tomar, o *methodo* a seguir, o *fim* a attingir.

Esforcamo-nos por mostrar que o espirito ou a attitude na qual os philosophos classicos têm trabalhado, é um espirito de synthese e de imparcialidade; que o methodo delles foi acima de tudo objectivo e consiste, essencialmente, na distincção e na composição; que afinal o que têm constantemente procurado é a vida perfeita e integral, tanto do ponto de vista scientifico como do ponto de vista moral.

Se a leitura deste modesto ensaio podesse inspirar aos jovens philosophos o desejo de recorrerem aos originaes, a Aristoteles, a S. Thomaz e seus commentadores antigos e modernos, estaria attingido o nosso fim. — Não temos preferencias, mas que nos seja permittido, entretanto, recommendar as obras de S. E. o Cardeal Mercier e de seus collaboradores, a obra do P. Garrigou-Lagrange sobre o *Sensu Communi*, a *Philosophia do ser*, o *São Thomaz do Padre Sertillanges*, o *Intellectualismo de S. Thomaz do Padre Rousselot*, en-

tre tantos outros livros e revistas, que seria muito longo enumerar aqui.

CAPITULO PRELIMINAR

Natureza da philosophia tradicional

Poderá a philosophia chegar a conclusões certas e definitivas? Tal é a primeira questão que se impõe hoje em dia ao espirito de todo homem que se dispõe a philosophar.

Nem sempre foi assim.

Longe de duvidar do poder da razão, antes nella tiveram os primeiros philosophos uma excessiva confiança. Mas quando se succederam os systemas, contradizendo-se, anathematisando-se, destruindo-se mutuamente, então começou a duvida a invadir os espiritos.

O scepticismo nasceu da contradicção dos systemas. Tão constantemente se enganaram os philosophos, tantos e tão espantosos paradoxos sustentaram, que conseguiram, enfim, se desacreditarem inteiramente. E eis porque crearam espiritos esclarecidos e poderosos, como Montaigne, Pascal, Lamennais, que a philosophia já dera no passado sufficientes provas de sua impotencia, e seria para sempre incapaz de nos trazer qualquer certeza. A historia da philosophia parece a muitos dos nossos contemporaneos assim como uma vasta necropole; mausoleos mais ou menos grandiosos dão testemunho dos antigos systemas, e já túmulos estão abertos, prestes a receber as doutrinas actuaes.

— Este scepticismo, em verdade, legitimaram-no os philosophos por multipas razões. Sexto Empirico as reduziu a dez principaes a que chamou "tropos scepticos". Agrippa contara cinco, mas na realidade resumem-se todas numa unica effectiva ou primitiva: a contradicção dos philosophos. As demais são secundarias ou adventicias.

Crer-se-á que os Pyrrhonicos tenham sido arrastados á duvida pelo argumento do diallelo? (3).

Dir-se-á que Descartes foi reduzido á duvida methodica pela hypothese de um genio maligno que se aprazesse em illudir os humanos como as crianças em enganar escaravellhos?

E o proprio Kant, quem acreditará que tenha duvidado do valor da razão pura porque a observação lhe houvesse revelado a existencia de formas ou de juizos syntheticos *a priori*?

Basta consultar a historia e a biographia destes illustres philosophos pa-

ra notar que o seu scepticismo parcial ou total teve como principal causa a contradicção dos systemas.

"Nada direi da philosophia, escreveu Descartes, senão que, vendo que foi cultivada pelos melhores espiritos que têm vivido ha seculos, e que no entanto nella não ha o que se não dispute, e, por consequencia, não seja duvidoso, não tive a presumpção de ahi acertar melhor que os outros... e eu quasi considerava falso tudo aquillo que era apenas provavel" (4).

A origem da duvida cartesiana parece bastante clara quando procuramos seguir-lhe a filiação das idéas. A renascença exhumara do esquecimento todos os systemas da antiguidade, e, entre elles, o pyrrhonismo. Marsilio Ficino, Pico della Mirandola restauraram o platonismo; Justo Lipsio, o estoicismo, Gassendi o epicurismo, e todos combatem Aristoteles e a escolastica de cadente. Em vão exhortava Melchior Cano os philosophos da Escola a cessarem as suas interminaveis disputas, a evitarem as affirmações *a priori* e as esteveis subtilidades, a desdenharem da "investigação das cousas obscuras, difficéis e inúteis" (5). Suas palavras não eram escutadas. A reforma, de que reconhecia a imperiosa necessidade e que tinha a coragem de emprehender, era suspeita.

Foi o scepticismo que triumphou.

"Foi por Montaigne, escrevia Brunetiére, foi pelo insensível e lento contagio dos seus *Ensaïos*, que a duvida methodica penetrou no mundo moderno, e não, como se continua a ensinar em nossas escolas, por intermedio do *Discurso sobre o methodo*" (6).

Brunetiére aceitava, em philosophia, a attitudo sceptica de Montaigne: "a duvida, uma duvida razoavel, uma duvida raciocinada, a duvida de Montaigne precisamente, não é a unica attitudo possível, de hoje em diante, em relação á metaphysica?" (pag. 215).

Não é possível dizer melhor. Descartes foi conduzido ao scepticismo pela sua época, e se recorreu ao espirito geometrico para disciplinar a duvida, utilizal-a e absorvel-a, deveu ao seu meio, em grande parte, esta idéa.

Gallileu havia dito: "A philosophia está escripta na natureza; este grande livro é traçado em caracteres mathematicos".

A origem da duvida methodica cartesiana deve ser procurada, pois, na incoherencia dos systemas exhumados pela Renascença, e nos progressos do

espirito scientifico. A hypothese de um genio maligno, as illusões dos sentidos e dos sonhos, só vieram depois.

E pode-se argumentar exactamente do mesmo modo relativamente ao scepticismo kantiano.

Kant duvidou do valor da razão pura por causa da contradicção dos philosophos do seculo XVIII e dos antigos tempos; creu no valor da sciencia por causa das descobertas dos physicos e sobretudo de Newton. Como Descartes, tentou disciplinar e circumscrever o scepticismo. Mas em lugar de recorrer ao espirito geometrico, recorreu á fé moral, e nisto se inspirou de Luthero, de Rousseau, e soffria a influencia do pietismo.

Para se ter um exacto conhecimento das origens da philosophia de Kant, fôra preciso, evidentemente, expor a historia dos systemas anteriores e seguir a filiação mais ou menos subconsciente das ideas como os mineiros seguem as ramificações subterraneas dos diversos filões. Mas nosso objectivo sendo o de descobrir sómente a origem primeira do scepticismo kantiano, bastar-nos-ão alguns testemunhos muito demonstrativos. No segundo *Prefacio da Critica da razão pura*, que é como que o seu *discurso sobre o methodo*, Kant começa por nos indicar o signal infallível pelo qual podemos reconhecer que uma sciencia entrou, segundo a sua expressão constante, no caminho *seguro*. "Se o autor, escreve elle, se acha em embaraço ou se não é possível harmonizar os diversos collaboradores sobre a maneira pela qual deve ser demandado o fim commum, então pode-se ficar certo de que um tal estudo, longe está do seguro caminho de uma sciencia e, pelo contrario, não passa de um simples ensaio." Estabelecido e provado este criterio, com exemplos contestaveis, senão chimericos, passa Kant á metaphysica: "Da unanimidade de seus partidarios, quanto ás suas asserções, está tão longe a metaphysica, que antes parece uma arena exclusivamente destinada a desenvolver as suas forças em jogos e combates, nos quaes campeão algum jámais pode conquistar, até agora, o menor terreno nem assegurar-se uma posse duradoura pela victoria. Não ha duvida, pois, que o methodo até aqui seguido pelos metaphysicos tem sido um mero ensaio, e, peor ainda, um ensaio entre simples conceitos". Assim, segundo Kant a razão pura não leva senão ao scepticismo, e nada mais resta senão recorrer á vontade *sit pro ratione voluntas*: "Nem por um instan-

te, posso admitir *Deus, a liberdade e a immortalidade*, em benefício do uso pratico necessario de minha razão, se não subtraio, ao mesmo tempo, á razão especulativa a sua pretensão a vistas transcendentaes... Eu tinha, pois, que annullar a *sciencia* para dar logar á *crença*... O dogmatismo da metaphysica é a verdadeira fonte da incredulidade, que combate a moralidade" (7). Como se vê, a principal razão pela qual Kant poz em duvida o valor transcendente da razão pura, consiste nas indecisões ou contradicções dos philosophos. Os juisos syntheticos, as formas *a priori*, os postulados da razão pratica, só vieram depois.

"Ha vicios, escreveu Pascal, que só por meio de outros nos affectam, e que cortado o tronco, caem como ramos que são."

O mesmo se pode dizer dos argumentos scepticos. De certo, estamos muito longe de crer que todas as provas produzidas pelos scepticos ou pelos fideistas não tenham valor algum, e que não se deva levar em conta illusões sensíveis ou deformações infligidas á realidade, pelas nossas diversas faculdades. Sustentamos sómente que entre as razões de duvidar, a principal, aquella que é fundamento e como que o tronco sobre o qual as outras se alçam ou se enxertam, é apenas a contradicção dos philosophos. E se o sustentamos, não é por preferencia ou pelas necessidades de uma these, mas porque a historia, cremos, o demonstra.

Toda a linhagem dos philosophos mais ou menos scepticos, desde os Pyrrhonicos até os tradicionalistas modernos, só desespera da philosophia após se desencorajar em face das contradicções dos systemas. Se, pois, fosse possível estabelecer que esta razão de duvidar não existe, cortar-se-ia pela raiz o scepticismo, e todos os seus ramos natúraes ou adventicios não tardariam a seccar e desapparecer. Mas como refutar o argumento sceptico que tem por base a contradicção dos philosophos?

Uma primeira resposta se apresenta: passam os systemas, mas a philosophia fica. A *perennis philosophia*, a doutrina tradicional, segundo alguns modernos, consistiria no progresso e no vir-a-ser da verdade, do qual os diversos systemas seriam meras approximações, momentos successivos. Acostumemo-nos, dizem elles, a conceber a philosophia menos como uma cousa, uma *Summa*, um tratado cujas partes estão definitivamente fixadas, do que como uma vi-

da, um organismo que evolve sempre. Sim, a philosophia se não quer desaparecer, deve transformar-se, renovar-se, ultrapassar-se sempre, porque não ha meio termo entre progredir, metamorphosear-se, isto é, viver, e parar, enrustar-se como um fossil, isto é, morrer. Não falemos, pois, de contradicções insolúveis, emittidas pelos successivos systemas; estes são apenas as diversas metamorphoses de uma unica e mesma doutrina, a qual não é nem o platonismo, nem o aristotelismo, nem o cartesianismo, nem o Kantismo, mas simplesmente a eterna philosophia, a *perennis philosophia*. Todos os philosophos de genio contribuíram diversamente para o progresso desta sciencia. Esses pioneiros da verdade, abriram caminho na selva, ás apaixadellas, em reconhecimentos para todos os lados. Deram-se, sem duvida, muitos desvios, mais de uma vez perderam-se de todo e foi preciso voltar atraz e retomar o caminho andado, mas o progresso, por ter sido interrompido por momentaneas regressões, nem por isto foi menos real e consideravel. Nenhuma evolução é uma continua ascensão, mas uma progressão feita de rodeios e recuos. A evolução philosophica não escapou a essas alternativas. Descreveu tambem, não uma trajectoria rectilinea, mas uma linha em zig-zags como a do relampago. Os diversos systemas foram ensaios, reconhecimentos em direcções divergentes, mas tangentes em um ponto á verdade, e bastou isto para que o progresso tivesse sido, em summa, real e constante. A falar com justeza, a verdade não é, vem-a-ser, é essencialmente duração, virá-a-ser sempre, pois. A philosophia moderna sahíu de systemas anteriores; conservou a alma de verdade que elles continham, atravessou-os, sem se deter. As contradicções dos philosophos, longe de serem a exclusão, são a condicção vital da *perennis philosophia*.

Esta solução da objecção sceptica é, seguramente, especiosa, e de certo forcaria a nossa adhesão se não contivesse, sob a roupagem das metaphoras, um fundo obscuro e suspeito, que inquieta o nosso senso inato e adquirido da logica. Asseguram-nos que os systemas passam, mas que permanece sempre alguma cousa, o que nelles ha de melhor, o espirito de verdade que os anima. Mas que significa esse não sei que, esse melhor delles, esse espirito de verdade?

E' para temer que tudo isso não passe de palavras e phrases vãs, *verba et voces proclereaque nihil*.

Não resta duvida que um espirito de verdade deve ser alguma cousa. Quando, porém, não se especifica este *alguma cousa*, elle é synonymo de nada. Asseguraes que alguma cousa permanece dos systemas antigos na moderna philosophia. Que, porém? Podereis dizer acaso de uma maneira mais precisa? E' muito provavel que não. Porque esse alguma cousa, esse espirito de verdade, é um ser chimerico, um sôpro, um nada, um vir-a-ser imaginario, que não existe objectivamente.

O que é indeterminado não é, e aquelles que creem que a verdade, a alma de um systema, pode permanecer, desapparecendo esse systema, contentam-se com palavras. — Permanece, dir-se-á, uma impulsão, um espirito, uma attitude, um methodo, de que se tem nutrido a eterna philosophia. — Mas que espirito, que methodo, que attitude? Uma attitude, um espirito, um methodo, são accaso separaveis de determinadas opiniões doutrinaes? Que restará, por exemplo, do *Aristotelismo*, si as theorias da potencia e do acto, da materia e da forma, do accidente e da substancia, são reconhecidas arbitrarias, facticias e erroneas? E de que se terá nutrido a *perennis philosophia*, si nada conservou de todas estas theorias tradicionaes? Porque é perfeitamente conhecido quanto de facto pouco vos preoccupaes de Aristoteles e dos Escolasticos. Certo, por curiosidade historica, delles tendes, mais ou menos superficialmente, estudado a doutrina; admiraes o systema peripathetico como se admira a velha, deteriorada esphinge do Cairo, ou o esqueleto do *maghaterium* no Jardim das Plantas; mas na pratica, na elaboração e exposição de vossa philosophia, deixaes de lado todas essas doutrinas. Confessae, pois, que na realidade, fazeis tanto caso do *aristotelismo*, como de um resto de naufragio enterrado na praia, e que usaes para com a escolastica tal como, á bordo, com uma careassa que se atira aos tubarões do Mar Vermelho. E quando, depois disto, nos vindes affirmar que o aristotelismo e a escolastica foram, em seu tempo, a verdadeira philosophia, se bem que faleis no tom mais serio deste mundo, é certo que gracejaes. Porque a verdade é immutavel e eterna. Se o aristotelismo hoje é falso, o era tambem no IV seculo antes da nossa era, e se a escolastica foi verdadeira no seculo XIII, ainda o é actualmente.

Se em um momento qualquer da historia, a distincção das faculdades, o primado da razão, a potencia passiva,

as formas substanciaes foram verdades, sel-o-ão etqna, immutavelmente. Irireis, se quizerdes, destes epithetos, immutavel e eterna, que espontaneamente ligamos á verdade. Pouco importa ao caso. Ha seculos proseguem os escolasticos o seu caminho sob a saraivada de ironias, e nem por isto subsistem menos.

A *perennis philosophia* não é, e não pode ser uma evolução de systemas, pois uma successão de organismos que se contrariam, se destroem entre si, e *passam*, não poderia constituir um organismo eterno. Succedem-se os imperios, enriquecem-se dos despojos um dos outros; segue-se dahi que existe um reino eterno? Evolvem as linguas, transformam-se; o francez nasceu do latim, mas este não é menos uma lingua morta, e não existem mais linguas do que nações eternas.

Por que chamamos falsas as religiões pagãs, as seitas protestantes? Porque ellas variam, succedem-se, suplantam-se, umas ás outras. A serie ou a sequencia dessas religiões constitue uma real evolução de religiões falsas mas não uma religião verdadeira e eterna. Do mesmo modo, uma successão de systemas que se contradizem, que a posteridade reconhece essencialmente erroneos, constitue, é verdade, uma eterna evolução de falsas philosophias, nunca, porém, uma philosophia eterna. Se as doutrinas nas quaes collaboramos devem cahir amanhã em desuso, se a posteridade rirá das nossas idéas como nos rimos dos deuses do paganismo, é o scepticismo quem tem razão. Com as doutrinas não acontece como com os instrumentos de que nos servimos, se bem que se saiba que elles terão que desaparecer. Só podemos admittir as lições da philosophia se estamos certos que são immutaveis. Philosophar, procurar uma verdade que se desvanecerá sempre deante de nós, é uma occupação tão vã como seguir numa estrada a fugitiva sombra de uma nuvem, e sem duvida, se nos apraz essa infantilidade, poderemos proseguir, mas talvez melhor fizéssemos repousando ou agindo. O evolucionismo absoluto faz o jogo do scepticismo.

A primeira condição para que uma philosophia dogmatica, para que uma philosophia eterna seja, não só existente ou realisavel, mas possivel ou concebivel, é que contenha uma estrutura essencial, que permaneça identicamente a mesma. Quando um organismo vivo soffre uma serie de metamorphoses,

conserva-se individualmente o mesmo, pois que a sua estrutura, sua intima natureza não se alteram, pois, como com razão diz o vulgo, esse insecto ou esse animal não faz senão mudar de pelle. Si, pois, assimila-se o desenvolvimento da philosophia a um organismo, se se sustenta que existe ou pode existir uma philosophia eterna, é necessario suppor não só um espirito ou uma attitudé, não só um methodo, mas ainda — pois esses elementos são solidarios — um systema ao menos embryonario, que se mantem essencialmente o mesmo.

Desta fundamental e essencial immutabilidade, seguir-se-á que a philosophia eterna não seja indefinidamente progressiva? De modo algum. Só os systemas simplistas e exclusivos são incapazes de um progresso continuo, e é mesmo por esta razão que elles morrem.

Mas uma philosophia cuja natureza intima seja tão complexa quanto a propria realidade, que concilie a estabilidade e o vir-a-ser, o espirito e a materia, a necessidade e a liberdade, será infinitamente larga; será capaz de acolher toda a verdade. A philosophia eterna possui numerosas pousadas e bastante vastas, para que nellas ache guarida qualquer idea justa. E não se supponha que esta philosophia só de um modo quantitativo é progressiva; por incessante addição de novas consequencias, ella se renova qualitativamente em todas as suas partes e até nos seus principios fundamentaes. A verdade deve crescer, não como os crystaes por juxtaposição de elementos exteriores, mas como os organismos vivos por uma assimilação e um desenvolvimento internos. A analyse levada cada vez mais longe, e, por assim dizer, o aprofundamento dos principios syntheticos é condição primeira de todo ulterior progresso em extensão. Nenhum systema pode enriquecer-se de novas ramagens e produzir fructos mais numerosos se não cresce primeiro do lado da sua raiz.

Para dar uma idéa do progresso vital e intellectual, costumam os modernos comparar a philosophia a uma fonte de agua viva, a um repuxo cujo columna de agua se elevaria tanto mais alto e tombaria em orvalho tanto mais fecundamente quanto mais larga e profundamente fosse cavado o orificio. Com mais razão assimilavam os escolasticos, a evolução doutrinal á da bolóta que plantada em terra fertil, vem a ser a maior das arvores. E' classica a comparação e não se poderia achar melhor. Porque as cousas, as mais simples, quando melhor reflectimos, acabam por

parecer espantosas. Como essa bolóta jámais se engana na sua evolução, nem de especie nem de linha quando são tão numerosas as direcções? Porque jámais produziu uma betula, um cipreste ou um alamo? E' simplista talvez esta questão. Mas para a resolver é preciso necessariamente admittir que essa minúscula semente já contem virtualmente, toda a substancia do carvalho, de tal modo que não existe differença essencial entre essa semente, a herva que brota, o arbusto que luta contra zelosos concorrentes de uma logar ao sol, e essa arvore que enfim a todas sobreleva, e a que com justeza chamam os poetas rei ou gigante da floresta, para a qual convergem todos os atalhos e cujo tronco muitos homens mal podem abraçar.

Mas desse gigante pode-se dizer o que Philo de Bysancio na sua obra sobre as "*Sete Maravilhas do mundo*", disse do colosso de Rhodes: que o que se não vê ainda é mais admiravel que o que se vê. Com effeito, si fosse possivel extirpar esse gigantesco carvalho sem partir a menor das suas raizes, não seria interessante examinar si os ramos escondidos sob a terra não são maiores, mais longos, mais complexos, mais delicados que os ramos exteriores? Talvez nem um broto appareça sobre essa arvore, sem que uma fibra se tenha juntado antes, ás raizes. Em todo o caso, é assim na philosophia. Nella, progresso algum se realisa em extensão que não supponha um outro anterior em profundeza.

Quando, pois, se renova, é em todas as suas partes, nos seus principios, no seu corpo de doutrina, nas suas consequencias as mais extremas e as mais delicadas, sem jámais mudar de substancia, sem alterar-se. E' deste modo, ao que parece, que se deve conceber a natureza e a evolução da philosophia eterna, da *perennis philosophia*.

Mas volta a objecção e mais viva do que nunca, porque essa estrutura essencial, esse nucleo de verdades immutaveis, esse núcleo de verdades immutaveis, que deve constituir a substancia da philosophia tradicional, jámais de commum accordo puderam os philosophos determiná-lo. Si sómente se houvessem contraditado sobre consequencias de minima importancia, não seria grande o mal; mas é precisamente em relação a essas verdades fundamentaes que elles têm travado os mais rudes combates e ainda disputam sem que jámais deixe a luta de ser indecisa. Não é, precisamente, proprio de philosophos a duvida sobre as verdades primeiras! Não é esse o monopolio delles, e o que os distingue dos outros homens?

Não ha proposição por mais absurda, dizia Cicero, que não tenha sido sustentada por um philosopho, e o tempo ainda não deixou de confirmar aquellas suas palavras. Pode-se, pois, hoje em dia, retornal-as com mais razão do que nunca e, em nome do passado, lançar um desafio ao futuro: jámais os philosophos se accordaram sobre as verdades as mais essenciaes, jámais se accordarão.

Oportet et hereses esse. As heresias são fataes. Sempre haverá contradições entre os philosophos, mas esses dissentimentos não provam grande cousa em favor do scepticismo.

Assimila-se a philosophia ás sciencias exactas, e sob o pretexto de que não se tem num e noutro caso a mesma unanimidade de suffragios, appella-se para o scepticismo. Mas não existe tal paridade e é viciosa a argumentação.

Fôra preciso tomar-se de tão estranho entusiasmo quanto houve nos seculos XVII e XVIII em favor das descobertas sideraes para estabelecer-se a confusão de ordens tão distinctas como a physica e a metaphysica e convencer-se de que se poderia, pelo emprego de um methodo identico, chegar, nestas duas ordens, a uma egual conformidade de opiniões.

Nas mathematicas o objecto estudado é simples e exclusivo de toda complicação; o numero a extensão ou o movimento são considerados abstracção reita de qualquer outra qualidade. Ora, como o methodo se conforma sempre ao objecto, segue-se que nas mathematicas o methodo é muito simples. Só o espirito geometrico entra em jogo e procede exclusivamente por deducção. Mas desde que se passa das sciencias mathematicas ou da astronomia á physica, á biologia, á medicina, e, em geral, ao estudo do ser vivo, tornando-se o objecto muito mais complexo, o methodo outro tanto se complica. Não é necessario ser um Claude Bernard para rir-se das panacéas universaes, mesmo das preconizadas por um Raspail. E quando algum doutor pretenda curar a maior parte das molestias: carie, exostosis, rachitismo, rheumatismo, gotta, abcesso, panaricio, cancer, hydropsia, escarlatina, erisipela, dertos, eozemas, ulceras, hemorragia, escorbuto, apoplexia, cephalgia, epilepsia, delirium tremens, alienação mental, etc... com banhos frios, por mais variadas aliás que sejam as ablucões e compressas, rirem do systema e deixaremos aos especialistas o cuida do de determinar

a parte que em tudo isto ha de verdade.

Em philosophia, o objecto estudado é o ser universal em toda a sua comprehensão tanto physica como moral.

E', pois, em philosophia, sobretudo, que o methodo tem que ser complexo. Todos os meios pelos quaes se possa atingir a verdade, devem ser empregados, segundo a sua reciproca importancia. Assim, quando, Descartes, simplificando em demasia, crê que se pode proceder analyticamente em philosophia, tal como na Algebra; que é bastante começar pelas verdades mais simples e mais facéis de conhecer; de proseguir por meio de longas cadeias de razões e imagina que, lançando as suas idéas em fila indiana, ao assalto de todas as difficuldades, se chegará a saber "todas as cousas que podem recahir no conhecimento dos homens", não precisamos ser grandes sabios para ajuizar que o autor está illudido, mesmo quando não possamos distinguir entre a verdade e o erro. "Sendo todas as cousas causadas ou causantes, escrevia Pascal, ajudadas ou ajudantes, mediatas ou immediatas... tenho como impossivel o conhecer as partes sem conhecer o todo..."

O methodo philosophico deve ser formalmente synthetico. A verdade só poderá ser descoberta se a procurarmos por todos os caminhos que a ella nos podem levar. E' preciso investil-a, ataca-la por todos os lados, pela indução, pela deducção, a experimentação, a analyse. Em philosophia é preciso estudar simultaneamente o conjuneto e os detalhes, porque a philosophia tradicional é um organismo em que cada parte é para o todo e o todo para cada parte.

E eis porque todo methodo exclusivo é a priori defeituoso. Quando Kant escreve: "Eu tinha que abolir a sciencia para dar logar á fé", procede de um modo exclusivo e o seu methodo é vicioso. Quanto mais fielmente o seguirmos mais infallivelmente nos perdemos. Da mesma forma, quando entre philosophos vemos excluir uns, o estavel, outros, o vir-a-ser, a paixão ou a especulação pura, podemos estar certos de que estão igualmente em erro. Reconhecem-se esses philosophos narciaes pelo facto de que dizem todos a mesma cousa. Elles dizem sempre a mesma cousa: uns, o vir-a-ser, outros, a acção, alguns, a influencia social, outros a utilidade individual: E assim, por um retorno ironico das cousas, os que mais louvam a invencão, a creação espontanea e imprevisivel, e mais en-

chem a bocca, com tudo isso são os que menos se renovam e cujo discurso é mais facilmente previsível. Sabe-se sempre mais ou menos o que vão dizer: invenção, criação, imprevisibilidade, vir-a-ser.

Mas o philosopho parcial que, por intelligencia ou amor proprio, exclue a verdade não comprehendida na estreiteza do seu ponto de vista, está por isto mesmo desqualificado, e seu testemunho não tem valor algum. Quando um juiz prudente se encontra em face de testemunhas evidentemente parciaes, não oppõe seus depoimentos aos das testemunhas imparciaes, para concluir que a causa é duvidosa. E', entretanto, o que fazem os scepticos: admittem, de mistura, sem maior exame, os depoimentos de todos os philosophos, das suas contradicções, e contentam-se pela impotencia fundamental da razão humana. Mas, em primeiro lugar, deveriam ter feito a critica do valor dos testemunhos. Ora, existe uma regra, um criterio de autoridade philosophica. Quando um autor é evidentemente exclusivo; quando não se esforça em conciliar, numa synthese integral, as diversas partes do real: estabilidade, vir-a-ser, materia, espirito, intelligencia, vontade, seu testemunho não é aceitavel. Poder-se-á dar attenção ás suas invenções. Mas as suas denegações são como se não existissem.

Ora, se só considerarmos as doutrinas imparciaes e comprehensivas, certo não é unanime, o accordo entre ellas em todas as questões, mas o é sufficientemente sobre os pontos essenciaes. E este accordo irá crescendo sempre. Porque o espirito humano, apesar de erros muitas vezes renovados, aproveita das suas experiencias anteriores. Não é provavel que tão cedo se volte ás theorias de Zenon sobre a impossibilidade do movimento, e, quando o evolucionismo tiver sido reduzido a justas proporções, nin-

guem se apressará a reeditar pela terceira vez os sophismas de Heraclito. Entretanto, dada a complexidade da philosophia, como o seu methodo é, a um tempo, e distinctamente, intellectual e moral, como as disposições voluntarias nelle têm um importante papel, e sempre existirão espiritos mais em busca da novidade que da verdade, sempre haverá schismas em philosophia. Mas os que procurarem a verdade acima de tudo, tendo em conta as acquisições tradicionaes, esforçando-se para não cahirem em excessos e exclusões; os que abordarem os problemas com a attitude imparcial e synthetica, que foi a de Platão, de Aristoteles, de S. Thomaz; estes se harmonizarão cada vez mais sobre o conjuncto das verdades que constituem a essencia da eterna philosophia. Vê-se, pois, quanto importa analisar mais intimamente esta attitude synthetica e imparcial, que deve inspirar a pesquisa philosophica.

(1) *La Bruyère, Caractères, Capitulo XIV.*

(2) — *Discours sur la Metaphysique.* p. 11.

(3) *Consiste este argumento em presumir que só é certo o que é provado; ora, como nesta hypothese as provas deverão ser sempre provadas por outras provas e os principios por outros principios, segue-se dahi que toda certeza implicará um circulo vicioso.*

(4) *Discurso sobre o methodo.*

(5) *De locis theologicis — L. VIII, c. IV.*

(6) *Revue des Deux Mondes — 1º Set. 1906.*

(7) *Prefacio da Critica da razão pura.*



UM PARECER SOBRE O ENSINO

Não ha cousa no Brasil mais necessitada de seriedade e de bom senso, do que o ensino em geral, desde o primario ao universitario. O pernosticismo, a vacuidade, o artificialismo, todos os absurdos ahi se encontram e se entrechecem.

Ainda agora se nos offerece oportunidade de verificar, mais uma vez, os contrastes e destemperos do que, com o rotulo de ensino é impigido ás creanças e á mocidade que estuda no Brasil. Referimo-nos ao inquerito aberto sobre o assumpto, pela "Associação Brasileira de Educação". Têm-se posto a descoberto, nas respostas, todas as maçellas do nosso ensino, embora as receitas aconselhadas para a cura da molestia, sejam em muitos casos sufficientes para matar o enfermo...

Faz excepção a esses dispausterios pela seriedade, bom senso e segurança de criterio no apreciar os males do nosso ensino e indicar a sua verdadeira therapeutica, o parecer do Sr. Tristão de Athayde, do qual, por falta de espaço, damos a seguir apenas um resumo.

Expondo as causas das incongruencias do nosso ensino o Sr. Tristão de Athayde diz que "em assumptos de educação pensamos demais nos argumentos scientificos e desdenhamos demais os depoimentos humanos".

"Deste modo chegamos a instituir um ensino deshumano, sem intimidade alguma entre mestres e alumnos, óra excessivamente rigoroso, óra relaxado demais, e inteiramente vasio de alma, de finalidade, de unidade organica. Cursos de se estudar e não de se aprender. Professores, por vezes profundamente sabios, mas distantes, olympicos, abarrecidos. Ensino em quantidade e raramente em qualidade. Nenhum ca-

rinho, nenhum estímulo especial, nenhuma revelação de que aquillo fosse um apostolado e não uma burocracia. De um lado os professores, de outro lado os alumnos. E o vasio entre nós, — "no heart's land!... Entre os alumnos, por seu lado, nenhuma camaradagem sadia. Por toda a parte o mais desabusado individualismo, a intriguinha, a grosseria, a immoralidade".

Assim sendo, o autor do parecer entende que para remediar essa situação, precisam-se fazer duas reformas:

"a) a modernização dos methodos de ensino, pelo estudo acurado de tudo o que tem criado a pedagogia moderna, e a sua applicação ao nosso ensino, levando muito em conta as condições locais e a viabilidade da execução desses methodos;

b) o restabelecimento do ensino religioso integral, em nossa educação, desde os rudimentos da doutrina christã, nas escolas primarias, até á criação de cursos de theologia na Universidade".

Quanto ao ensino leigo, faz a seguinte observação ou advertencia:

"Estamos criando gerações de indifferentes. O ensino sem finalidade, sem espirito de coordenação, sem um ideal superior que dê vida e elevação a toda essa estrutura fria da instrução, só pôde trazer-nos, cada vez mais, gerações de homens indifferentes, materializados, pela busca do interesse proprio, isolados entre si, seccionados de suas raizes naturaes. Estamos cavando cada vez maior o abysmo entre as classes, sobre as regiões, entre os graus de cultura e sobretudo entre governantes e governados. Estamos preparando uma patria sem personalidade. Estamos amassando um barro plastico, indefeso, dócil a todos os atrevimentos de outras culturas, de outras civilizações".

© Discurso do Sr. Barão

Um caso de arripiar os cabellos, passado ha 39 annos...

Além dos Deodoros e Florianos existia, e ainda existe nesta capital, um Sr. professor que foi dos homens mais protegidos e distinguidos pelo Imperador Senhor Dom Pedro II e Sua Augusta Familia, conforme elle mesmo confessa. Era monarchista, e a sua lealdade a esse credo politico e á Familia Imperial, nunca foi posta em duvida. Mas assim como o diabo as arma desarma tambem.

Este emerito fundador de republicas, tanto virou e tanto mexeu que, por artes de berliques e berlóques, conseguiu estabelecer a que ahi está fazendo a *felicidade* do povo transformando o Brasil numa sapucaia do mundo.

Tão notavel acontecimento para a *Umanidade* occorreu um dia antes segundo uns, depois um dia segundo outros, de um banho morno tomado pelo insubordinado Tenente Coronel e professor Benjamin Constant, que por signal era tão bom positivista quanto excellente cabide de empregos officiaes dos mais rendosos.

Uma vez mudado o regimen o prudente e illustre professor tambem mudou de rumo, até porque S. Ex. nunca praticou a temeridade de, só para satisfazer um vão capricho, remar contra a maré. (Por isso mesmo o barco de S. Ex. está sempre navegando em aguas placidas e acolhedoras ostentando no mastaréo as divisas: "Ex cordia felicitas" "Bella gerant alii").

Tendo S. Ex. mudado de rumo perdeu de vista o Imperador, os Principes seus discipulos, e os fideis que tambem si tivessem mudado de rumo, como S. Ex. não teriam seguido com Suas Magestades e Altezas para o exilio, isto é, não teriam mudado de rumo geographica e historica mente.

Pois bem; o alludido banho morno, si não mentem, foi tomado no dia 15 de Novembro de 1889, ao anoitecer. Dahi

não se sabe si foi devido á escuridão da noite ou não, o certo é que, emquanto o diabo fechou e abriu um olho, o novo rumo tomado pelo insigne professor levou-o ao posto de Inspector General da Instrucção primaria e secundaria da Capital Federal, cargo este que era ambicionado por muitos republicanos atacados desse mal desde o berço.

O egregio professor não teve duvidas em penetrar no antigo Collegio Pedro II, onde devia pontificar dirigindo a educação da geração republicana, porque, não obstante o edificio ser o mesmo, já não mais se via no seu frontespicio o nome do seu fundador e desvelado protector. Por um Decreto já o tinham feito tomar o mesmo rumo que orientava o mestre insigne.

Mas, como não ha rosas sem espinhos, quero erêr, pois faço o melhor juizo do acatado professor, que S. Ex. teve um pouco de dôr de cabeça motivada por um requerimento que, sem mêdo de errar, pode-se dizer, que foi *impolitico, imprudente e inoportuno*, isto é, requerimento do professor Carlos de Laet dirigido á Congregação, então presidida por S. Ex., para que ella votasse um appello ao governo solicitando a restitução do antigo nome d'aquelle estabelecimento de ensino, que era justamente o nome do citado amigo e protector do novo director. O resultado desse requerimento foi uma *tempestuosa* discussão na Congregação, cujos membros naturalmente, na sua maioria, já estavam absolutamente convencidos de QUE, DADAS AS CIRCUMSTANCIAS DE 1889, ERA IMPOSSIVEL A RESTAURAÇÃO MONARCHICA, o que obrigou a S. Ex. a suspender a sessão e ir para a casa, MAL CONJECTURANDO O QUE IA SUCCEDER.

Aquella tempestade republicana está registrada no boletim meteorologico de 2 de Maio de 1890, 166 dias depois do alludido banho morno. No dia seguinte, 3 de Maio, era o invieto Carlos de

Laet, demittido do cargo de professor por Decreto datado do mesmo dia 21 S. Ex. teve um desgosto com essa occurrencia, e desgosto ainda maior porque teve depois a certeza de que o professor Carlos de Laet attribuiu a S. Ex., parte pelo menos indirecta, em semelhante violencia.

Em todo caso S. Ex. continuou no seu novo rumo e no seu novo posto, desfructuando assim, muito justamente, uma posição da immediata confiança dos generosos e heroicos denegridores do governo e da pessoa do seu augusto protector e amigo.

Passam-se annos e a Academia Brasileira de Letras, cujas cadeiras já estão quasi todas occupadas pela geração republicana, á mingua de figuras de real saber e valor literario, vae buscar no seu remanso de paz, para occupar a vaga deixada pelo saudoso e impreterrito Conde Carlos de Laet, o antigo Inspector Geral da Instrucção primaria e secundaria da Capital Federal, Sr. Barão Ramiz Galvão. S. Ex., como que pedindo desculpas á geração republicana, por ter exercido no ominoso regimen o cargo de preceptor de suas Altezas os Principes, disse, dirigindo-se ao decrepito casaca vermelha da republica José Joaquim de Campos (o Medeiros) e demais academicos republicanos e republicanizados, o que é muitissimo peor, no dia da sua feliz recepção:

“Tiveste o encargo de preceptor de principes”, objectar-me-hão talvez; mas, illustres collegas, doutrinando e educando os netos do Imperador, fiz sempre questão de dizer-lhes que a soberania é do povo, e que, emquanto este assim o permite, o dever maximo de um descendente de reis é apparellhar-se para fazer a felicidade do povo com exemplos de trabalhos, de estudo, de honradez, de benignidade, de tolerancia e de virtude, si o seu concurso for reclamado.”

Mas quem foi que disse ao illustre Sr. Barão que o povo tomou parte na fundação da Republica? Pelo contrario, a ausencia do povo n'aquella trapaça impingida á Nação foi tão notavel que o proprio Aristides Lobo, no dia 19 de

Novembro, em uma carta que dirigiu ao Director do “Diario Popular”, de São Paulo, declarou que o povo havia assistido *bestificado*, a tudo aquillo.

A Academia acertou, chamando o Sr. Barão Ramiz Galvão para occupar a vaga deixada pelo saudoso Conde Carlos de Laet... pelas seguintes razões:

1ª) S. Ex. é realmente um homem de profundo saber e, neste sentido, não deslustrará a cadeira que foi occupada pelo illustre extincto.

2ª) Não se comprehendéria que uma associação, composta na sua grande maioria de rebentos do regimen que ahí está, não prestasse a sua homenagem a um homem que sacrificou tanta coisa para merecer as graças d'elle e viver scegado.

O Sr. Barão Ramiz Galvão disse mais o seguinte dirigindo-se aos amantes da Republica:

“Bem se vê que na acceitação do nosso regimen republicano discordei sempre, e não me arrependo de haver discordado do insigne Laet, meu grande amigo.”

Este BEM SE VÊ, está a calhar, porque até as pedras viram, veem e admiram, cheias de espanto. Quanto ao NOSSO, virgula, ou melhor, cordão sanitario e acido phenico.

Agóra uma palavra de esperanza motivada pelas boas intenções que norteiam o Sr. Barão:

Espero que um dia S. Ex. se arrependa de ter discordado sempre do Sr. Conde Carlos de Laet na acceitação do regimen republicano.

S. Ex. não morrerá nesse estado d'alma.

S. Ex. se converterá e será salvo.

S. Ex. já tem pago e continuará a pagar esse grande peccado aqui mesmo, na terra. Medeiros e Albuquerque, que é um dos procuradores do diabo nesse mundo, já cobrou boa parte dessa divida (quem deve a Deus paga ao diabo), inflingindo-lhe o castigo de um elogio através das columnas do “Jornal do Commercio”. Esse velho e cançado tambor de immoralidade disse, entre outras cousas, referindo-se ao discurso do Sr. Barão Ramiz Galvão:

"O do Sr. Ramiz Galvão é um modelo de correção, de dignidade, de elevação de sentimento. Podia-se justamente receiar que, visto o seu passado monarchista, entrando agora na corrente que se tem chamado "saudosista", exaggerasse os seus louvores á extincta ordem de cousas.

"Não fez, porém, isso. Confessou o seu explicavel amor ao passado regimen; mas proclamou que sempre fôra respeitador da soberania do povo e achava, portanto, que este usara do seu legitimo direito, adoptando a nova ordem de cousas. Fez todas estas declarações com perfeita nobreza, sem lisongear o presente, sem abjurar do passado."

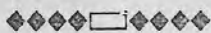
BEM SE VÊ que cahiu no goto de Medeiros a tal historia contada pelo Sr. Barão da intervenção da soberania do povo (pobre povo!), na revolta militar, occorrida nesta capital, no dia em que o Tenente Coronel Benjamin tomou o famoso banho morno.

Infelizmente não se pôde dizer ao Sr. Barão que podia ser peor... Não se pode máis aconsellar a S. Ex. que soffra resignado os elogios desse velho bôde republicano. S. Ex. já os acolheu no amplo seio do seu reconhecido amor da paz e da concordia.

Não! Não podia ser peor!

Ildefonso de Oliveira.

As Famosas Irmandades



Muita gente suppõe que as antigas e poderosas irmandades que fazem parte do corpo associativo dos catholicos, possuem o necessario espirito de obediencia ás autoridades ecclesiasticas e ás leis da Egreja.

Pura illusão! O martyrio de D. Vital e D. Macedo Costa não foi bastante para trazer todas ao bom caminho.

Na Bahia acaba de dar provas desse espirito de indisciplina e rebellião ao illustre Arcebispo Metropolitano, uma dessas irmandades, constituída ou dirigida por individuos sem fé, imbuidos apenas do espirito de negocio, e mesmo assim, mal orientado.

A irmandade em questão provocou um grave incidente com S. Ex. pela determinação que tomou, sem audiencia do seu chefe espiritual, de allienar

preciosas reliquias reliquias que formavam o patrimonio da mesma. Isto, como era natural, determinou da parte de S. Ex. o Sr. D. Alvaro Augusto uma energica intervenção para evitar o desbarato dos bens de uma instituição, que mais do que nenhuma outra, tinha o dever de velar pelas nossas reliquias de arte religiosa.

Para conforto de S. Ex. o Sr. Arcebispo Primaz, lhe dirigimos no dia 3 do mez de Julho o seguinte telegramma:

"O Centro D. Vital, inteirado do acto patriotico de Vossa Excellencia em defesa do nosso patrimonio artistico e dos direitos sagrados da Egreja, tem subida honra em hypothecar-lhe absoluta solidariedade na presente conjunctura."

14 DE JULHO

O mez de Julho traz consigo uma calamidade inevitavel: a celebração da chamada "Grande Revolução", da Revolução Franceza. E para cumulo de infelicidade esta celebração tem fóros, entre nós, de festa nacional, com a encorperação do 14 de Julho ao calendario civico brasileiro.

Comquanto os entusiastas da Revolução de 79 já sejam escassos na propria França, scenario do espantoso drama, aqui, no entanto, os apologistas da sangrenta e funesta peleja são incontáveis, são verdadeiras legiões.

Não ha nisso, aliás, muito que estranhar, pois que si é certo que a Igreja nos afagou em seu maternal regaço desde que viemos ao mundo até á nossa maicridade, não é menes certo que a nossa intelligencia se formou muito em contacto com a Encyclopedia e a Revolução Franceza, visto como das suas idéas é que se nutriram as homens que tiveram principal influencia na cultura brasileira.

Assim se comprehende que tenhamos tido um Imperio maçonico e liberal, e um meio intellectual infenso á Religião.

As idéas porém, da supposta corrente philosophica e da Revolução falliram depressa. Sobretudo a Revolução se desmoralizou.

Vimos um historiador como Taine confessar, emfim, que a Revolução "desossara" a França. E os que se lhe seguiram, os verdadeiros historiadores, desfazer as legendas que davam á mesma, grandeza e magestade.

Mais ainda: destruíram até a versão dos factos com que ella se justificava perante a posteridade, factos que seriam a tyrannia do Antigo Regimen, os excessos da Realeza e os privilegios do Clero e da Nobreza.

Effectivamente, provou-se á saciedade, que a organização do Antigo Regimen, tendo embora defeitos, possuia igualmente virtudes, sendo certo que já representava um gráo de evolução a tal ponto elevado que hoje ha quem suspeite de nos acharmos em phase de decadencia.

Provou-se igualmente que si a historia registrava não poucos factos deprimentes, devidos á Realeza, seria injustiça não reconhecer-lhe os grandes serviços prestados á causa da civilização, notando-se que precisamente ao deflagrar da tempestade revolucionaria, governava a França um Rei digno da estima dos seus subditos e da consideração universal: Luiz XVI. Provou-se ainda que, si por um lado o Clero e a Nobreza gozavam de privilegios, por outro lado impunham-se-lhes pesados encargos como o da instrucção politica, da caridade, assistencia social, serviço militar, obras publicas e tantos outros, sendo ainda digno de observação, relativamente á Nobreza, que, devido á penuria em que a deixara o fausto da Corte do Rei Sol, ella se encontrava profundamente enfraquecida e já bastante mesclada com a burguezia.

Além disto, ao par de tão desconcertantes demonstraões, outras foram apparecendo não menos desoladoras para os entusiastas da Revolução. Assim por exemplo, a publicação de memorias como as de Mallet du Pan, Barruel, Mirabeau, Napoleão I; de correspondencias como as de Vaudreil, d'Artois, Berthelemy; de archivos, *comptes-rendus* de clubs, lojas maçonicas, em summa, dos verdadeiros documentos da Revolução, veio provar que ella não passou de uma monumental obra de embuste á sombra da qual se realizou o trabalho mais tenaz e mais torpe de demolição da Igreja e da potencialidade da sua filha predilecta, a França.

No seu impressionante livro "Les Auteurs cachés de la Revolution Française", Pouget de Saint-André sustenta que ella representa a mais formidavel conspiração estrangeira contra a França, provando que eram estrangeiros os capitaes que alimentavam a lucta, que eram estrangeiros os verdadeiros dirigentes do movimento, e ainda, que se compunham em grande parte de estrangeiros, as hordas revolucionarias.

Com irrefutavel documentação prova ainda que se compunham exclusiva-

mente de *allemaes* os grupos que se apressaram da Bastilha, maravilhosa aventura da qual dizia ainda ha pouco no "Figaro" de Paris, o sr. Eugene Marsan, que fôra "um alto feito da crapula em favor apenas de 4 falsarios, 1 maniaço sadico e 2 loucos"!!!...

Dessa decantada Revolução, dizia tambem recentemente Louis Bertrand:

"Fica-se abysmado ao pensar na facilidade e na condescendencia com que francezes acolheram a legenda revolucionaria e a apothese da Revolução!"

Para elle a Revolução Franceza foi o que são todas as revoluções: "*l'association de bas appetits et de ce besoin de violence et d'oppression qui travaille les masses.*"

Isto não obstante, o Brasil se mantem fiel á sua antiga convicção de que a Revolução Franceza é um dos grandes acontecimentos que illustram a historia da humanidade...

A nossa obstinação, no caso, porém, é filha da nossa ignorancia em relação ao movimento operado de um certo tempo a esta parte no seio da propria opinião publica franceza acerca do espantoso flagello de 79. E' filha ainda da mentalidade, um tanto retardataria dos nossos autores de compendios de his-

toria, que ainda hoje autorizam os velhos e desmoralizados conceitos em que se baseava o antigo prestigio da chamada "Grande Revolução". E' ainda uma consequencia de nossa inclinação sentimental em favor de todos os gestos de insubmissão e de revolta, desde que os corajosos arautos de qualquer ideologia; se declarem pioneiros do Direito, da Justiça, da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade e da Civilização!

E eis porque, honrando a Revolução Franceza e nella os seus proclamados ideaes de liberdade, fizemos nossa uma das suas datas mais queridas e mais famosas.

Hoje, no emtanto, temos o direito de exigir do Congresso Brasileiro que supprima o feriado de 14 de Julho, pois que elle nasceu de um equivoço já completamente desfeito.

A Revolução Franceza está condemnada pela critica historica, e o episodio de 14 de Julho, ridiculo quanto ás proporções e quanto aos resultados, só como ironia se pode conceber que symbolise os grandes sentimentos que lhe emprestou a imaginação dos nossos legisladores e ainda lhe attribue a eloquencia da infrene demagogia nacional.

D. Manoel Gonçalves Cerejeira

Foi uma gratissima noticia para o "Centro D. Vidal", a da elevação á dignidade episcopal, do eminente professor e publicista portuguez, D. Manoel Gonçalves Cerejeira. Conhecedores que somos da sua obra, admiradores que somos da sua prodigiosa actividade nos meios universitarios da terra lusitana, acostumamo-nos a considerá-lo como um dos mestres do

pensamento contemporaneo e uma das autoridades a quem obdecemos em nossa acção intellectual.

Deste modo era natural que exultassemos com a especial distincção que lhe conferiu a Santa Sé, exaltando-o á plenitude do Sacerdocio, e que d'aqui lhe peçamos permissão para depositar nosso beijo respeitoso sobre o seu symbolico anel episcopal.

O SENADOR BARBOSA LIMA E A EGREJA

E' sincera a nossa alegria em registrar em nossas columnas a noticia da conversão do Sr. Senador Barbosa Lima, fazendo alguns commentarios á significativa entrevista concedida por S. Ex. ao "Jornal do Brasil", a proposito dessa conversão.

Ha a notar, primeiramente, o tom de energica firmeza com que o Senador amazonense confirma a noticia da sua conversão:

"Inteiramente certa, diz S. Ex.: Sou catholico".

O jornalista que o entrevista, toma ao acaso um livro que estava sobre sua mesa de trabalhos, abre e encontra uma nota escripta do proprio punho do Senador.

O livro era a "Philosophie Positive" de Augusto Conte e a nota era a seguinte: "Destta marcha necessaria ha de resultar gradualmente, na ordem intellectual, um christianismo cada vez mais minorado ou simplificado, reduzido, afinal de contas, a este theismo vago e impotente que, por uma monstruosa aproximação de termos, os metaphysicos qualificaram de religião natural, como se toda religião não fôsse necessariamente sobrenatural".

"Esse trecho, explica o Senador amazonense, ficou-me sempre gravado no espirito, como um espinho. Conte reconhecia na religião um caracter necessariamente sobrenatural, o que o não impedia de procurar crear uma religião natural, a Religião da Humanidade. Talvez desse trecho tenha vindo a razão que me impediu de adherir á orthodoxia positivista, sob a direção dessa grande alma de apostolo, que foi Teixeira Mendes".

E' certo, porém, para nós, que essa contradicção chocante entre a observação de Conte e a sua obstinação em crear uma religião, impedindo o Sr. Barbosa Lima de se abandonar todo inteiro ao Positivismo deixou em su'alma as possibilidades de se erguer, pela meditação, á altura de onde lhe estendia os braços, carinhosa, como verdadeira mãe sollicita, a Santa Igreja.

Como motivos directos, porém, de sua con-

versão, affirma S. Ex., actuaram entre outros, o estudo e "a fragilidade dos argumentos com que se combate a fé".

A proposito da sua antiga situação de sceptico, faz S. Ex. esta observação digna de registro: "O scepticismo pôde ser amavel na phase da juventude, quando ha compensações de toda ordem na propria alegria da mocidade; o agnosticismo é comprehensivel quando ainda não se deteve o olhar na experiencia sedimentada do espirito".

Na verdade não ha nada mais facil do que negar uma ordem superior quando os instinctos e toda sorte de appetites nos sollicitam para o gozo ephemero da hora que passa. Não ha nada mais facil do que contestar a sciencia dos sabios, quando a ignorancia enche o vazio de noss'alma, de pretensão e de philaucia.

O Sr. Barbosa Lima não esquece no passo que avança nesta hora, o que deve á sua primeira educação, a que recebeu, segundo a expressão de José de Maistre, nos joelhos de sua Mãe. E por isto tem a sensação de que, em vez de uma conversão o que se passa em su'alma, é aquelle phenomeno a que o philosopho das "Soirées de St. Petersbourgo" chamava de fechamento da "curva reintrante", uma como volta ao passado, ou na propria expressão do Sr. Barbosa Lima, "o regresso de um filho prodigo".

Não era segredo para nós, do "Centro D. Vital", as operações que se estavam passando na vida interior do Sr. Barbosa Lima, os signaes da graça com que a Divina Providencia vinha, nestes ultimos tempos, illuminando su'alma. E como não tinhamos duvida quanto á vivacidade do seu caracter, estavamos seguros de que não tardaria a sua profissão de fé publica com que concorreria para encorajar tantas almas a buscar, como elle, a certeza, a consolação, a felicidade e a paz onde elle proprio foi buscar, isto é, no Sacrario, no Templo da Sabedoria, na Santa Igreja Catholica esposa dilecta do Redemptor.

BIBLIOGRAPHIA

LETRAS BRAZILEIRAS

A Segunda Imperatriz do Brasil, por D. Maria Junqueira Schmidt, Comp. de Melhoramentos de São Paulo, ed. 1928.

A autora desta biographia sempre demonstrou uma grande inclinação para o ficcionismo, e, neste, tanto no conto como na novella, o que mais a recommendava era uma certa simplicidade e o sincero desejo de ser sincera. Passando ao dominio da historia, levou consigo esta grande fortuna. E este livro é uma prova de que soube tirar della todo o proveito.

Anna Leuchtenberg, a segunda Imperatriz do Brasil, foi, do ponto de vista psychologico, um phenomeno singular em nossa historia. Alma simples e boa, sensata e delicada, foi em tudo uma creatura digna de representar a media de uma cultura intellectual e sentimental. Mas a épcea em que viveu, as posições que occupou, o seu destino — como que independente da sua vontade — fizeram da sua alma um scenario de complexas angustias, de orgulhos e humilhações os mais contrastantes, um vivo resumo do drama politico occidental.

D. Maria Junqueira Schmidt soube por em relevo tudo isto, e até quando é ingenua na ideação dessa ou daquela situação, desse ou daquelle estado de uma alma, assim, arrastada a extremos, ainda é feliz como escriptora. Sente, quem a lê, que não vê aquella alma através dos artificios do eruditismo enfadonho e secco como poeira.

Ella soube, pois, provar com documentos e analyse que Anna de Leuchtenberg, até hontem apagada figura de nossa historia, foi nesta uma das mais interessantes e singulares. Mais ainda, bem mais ainda: ella soube dar vida, com poesia e ternura toda feminina, dar vida nova a esse encanto melancolico, a esse vulto nostalgico da nossa tão

compromettida intimidade com o que a vida européa tinha de verdadeiramente aristocratico e superior.

E', pois, de todo em todo recommendavel a leitura deste livro. Elle é como a revelação do que havia de bello numa pagina da nossa historia, e que a todos se afigurava pagina em branco.

POEMAS de Jorge de Lima — Casa Trigueiros, ed. Maceió, 1927.

A nós d'*A Ordem*, quasi não interessam os aspectos exteriores do que, no Brasil, se chama, de algum tempo para cá, o "movimento modernista". Temos olhado para essas gymnasticas e para esses jogos de artificio com alguma indifferença e com pena, ás vezes, quando vemos que, nas attitudes mais ridiculas e mais perigosas, sobre a corda bamba ou rolando barricadas, ou engulindo espadas, ou agitando guisos, ainda em taes attitudes ha quem tenha bastante frieza de animo para competições e ajustes de datas e de peso.

A platéa ainda não se manifestou favoravel ou desfavoravelmente, e os artistas já se ameaçam do modo mais comico.

Nós repetimos a palavra de José Lins do Rego: "Nessa gente opera-se uma modernisação de superficie". E estamos até convictos de que difficilmente se entenderão quanto ao conceito ou o simples sentimento de modernidade.

Temos podido ficar, pois, dentro das nossas convicções anteriores. Não acreditamos muito que, após a morte do Rei Salomão, o sol tenha conseguido bater em cheio sobre alguma coisa de novo. Porque só a verdadeira poesia — e esta tão velha como o velho coração insaciavel e melancolico dos homens — só a verdadeira poesia será sempre nova, da eterna mocidade do que é eterno por essencia da propria natureza. Mas o sol não se engana a seu respeito. E só nas horas de escuridão e de treva a

velhice prostituída pôde figurar de mocidade apaixonada.

Foi, assim, um prazer para nós a leitura desses *Poemas* do Sr. Jorge de Lima. Elles nos offerecem occasião propicia para, mais uma vez, sem maiores theoretismos, affirmarmos pura e simplesmente que, para nós, a verdadeira arte, a verdadeira poesia, não se confunde com aspectos exteriores e passageiros, com esta ou daquella technica, com esta ou aquella disposição, com esta ou aquella regra de metrificação. Não, nós sabemos que com ou sem esses característicos a poesia pôde fluir com simplicidade e com força e entrar-nos o coração, impondo-se-lhe, conquistando-o, de verdade.

E eis, com os *Poemas* do Sr. Jorge de Lima, um caso como desejavamos registrar. Pouco nos importa o que o Sr. Jorge de Lima representa, de um ponto de vista chronologico, em nossa actividade poetica. Sabemos que foi um poeta delicado quando o seu lyrismo se achava bem nos moldes do nosso classicismo um tanto ou quanto rethorico. Muito bem. Amamol-o e o applaudimos vivamente no generoso impulso desse mesmo lyrismo quando agora se atira ousadamente á conquista de rithmos singulares, de expressões mais espontaneas da sua vida interior, de coloridos e linhas mais adequades á representação do nosso ambiente sentimental, da nossa historicidade popular. Porque esta é, para nós, alguma cousa mais que a historicidade daquillo que se comprou a Portugal com a ajuda da Inglaterra.

Nós attentamos sómente na obra realisada pelo Sr. Jorge de Lima e apresamo-nos em tornar publico que atravez della o identificamos como um dos poetas mais vivos, mais francamente, mais naturalmente poetas, da nossa actualidade. Não o chamamos de genio, nem lhe faremos a injuria da adjectivação estragada sobre os costados dos Coelhos Nettos & Comp.^a — Chamamos-lhe, consciences de que fazemos justiça, um verdadeiro poeta.

E os seus *Poemas* ahí estão para proval-o.

Todas as suggestões de nossa vida social, ossendowskeana, da nossa barbara poesia religiosa, do nosso tragico lyrismo passional; todas as nuanças do nosso occidentalismo, do nosso bom senso (que é uma tentação chamar-se: um bom senso instinctivo); todas as inspirações da nossa alegria de viver, da nossa descuidada, encantolôra miseria popular; toda a melancolia das nossas festas.

Santa Dica do Rio do Peixe
Santa Dica de Goyaz...

E S. Christovão passou Jesus para cá.

O menino queria novos rios.

Rio de S. Francisco
vende a honra das donzellas...

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrellas e os
derradeiros sinos.

Caminhos inventados por quem não tem
pressa de ir-se embora...

Lembras-te minha irmã
da velha casa colonial em que nascemos
e onde havia o retrato do vôvô Simões
Lima?

eu te benzo
eu te livro
eu te curo
eu te salvo
com 3 cruzes no teu peito
com 3 cruzes nos teus olhos

Tudo isto é vida vivida. E' vida que se fez poesia. E algumas vezes poesia verdadeiramente imperativa, como no caso do "Bahia de Todos os Santos":

E depois de tanto tempo perdido
de tanto caminho errado
teu amigo voltou para os teus braços abertos,
Perdôa. Perdôa Bahia.
Eu vim resar nos teus santuarios
eu já sou um homem que tem
affectos por quem pedir e resar

Tu és a catholica, tu és a fé, tu és
a ancora do Nordeste, tu és a sempre nova
tu és a rainha, tu és a cidade que mostra ao
que chega
ao envez de arranhias-céus cruzeiros e cruzeiros

Quem que por lá tenha ansiado tam-
bem, e se perdido depois pelo mundo,
e não viva esta evocação como se refi-
zesse o passado?!

Não escondemos que os *Poemas* de
Jorge de Lima mais de uma vez se resen-
têm dos artificios e trues em moda,
ora uma ingenuidade toda de arranjo,
ora um entusiasmo visivelmente arti-
ficial — isto quanto ao espirito — e não
menos do que ha de attentorio a todo
o bom senso quanto á linguagem li-
teraria, que não poderá ser nunca a lin-
guagem vulgar, falada, ou mesmo es-
cripta.

O que dizemos dos *Poemas* do Sr.
Jorge de Lima, também diríamos dos

4 *Poemas*, de Brasil Pinheiro Machado,
Ponta Grossa, Paraná, 1928

O mesmo temperamento individualis-
ta e que, na apparente desordem de
uma projecção de sensibilidade poetica,
aspira, no emtanto, á configuração de
um certo aspecto humano do Brasil.
Como se trata de um temperamento
realmente accentuado, de um verdadei-
ro temperamento poetico, a poesia rea-
lisa-se de verdade, e ha de verdade um
objectivismo nacional, que transcende,
ou melhor, força os limites da nota par-
ticularista. Ha um Brasil real presen-
tido, adivinhado, descoberto de entre as
nuvens de poeira vermelha daquella
cidadesinha a um tempo farwesteana e
russa, dos nossos sertões do sul.

Augusto Frederico Schimidt diz na
apresentação do poeta e falando das
manhãs de Ponta Grossa, quando pas-
sam “enormes carros puchados por qua-
tro e seis cavallos normandos”, “com
gente loura, de olhos azues, polacos, al-
lemães, russos, sei lá, e que vêm do mat-
to trazendo legumes frescos”:

“O frio é agudo. Então o sujeito que
sente a maravilha da differença, fica
banzando pasmo: meu Deus, no Brasil
ha de tudo! E ha mesmo”.

E é o que ha a repetir: ha de tudo.
O que é preciso é que haja uma brasi-
lidade tão real quanto a terra, que se
distende, una e firme, como poucas.

Brasil Pinheiro Machado historia
sentimentalmente uma phase dessa
unificação cada vez mais imperiosa:

O brasileiro nortista que chegava

Dizia que aquillo não era Brasil

Que aquillo era uma aldeia russa.

...

... O brasileiro do norte que chorava a des-
brazilidade do sul

Não notou que quando parava o seu fordinho
na estrada esburacada

E apeava pra pedir agua ou comprar fruta
na chaerinha em frente,

O polaquinho

O russinho

O allemãosinho

O italianinho

Nascido ali

Traduzia o pedido do viajante pro pae e dô
pae pro viajante

Numa lingua igualzinha a dos caboclos de côr
de bronze amulatado

Sem regra de gramatica portugueza, graças a
Deus!

Ninguem sabe porque este graças a
Deus! Gostaríamos de verificar nesse
polaquinho ou naquelle italianinho uma
conquista a mais da intelligencia sobre
um dominio da brazilidade, como será o
da lingua que deve conservar a nossa
historia. Mas se comprehende a inten-
ção do poeta e, mais do que isto, fica-se
a sentir com elle uma alegria toda sin-
gular, indefinivel ante esse novo mun-
do que parece emergir das aguas turvas
do presente com linhas que promettem
reproduzir o essencial do nosso passa-
do. Promessa, pois, de uma identidade
nacional. E' o que revela esta poesia.
Só não sabemos é se o poeta não tinha
o direito de, quanto á linguagem, appa-
recer como defensor menos ingenuo e
mais a dentro dessa identidade, que elle
proprio tocou com o coração.

E é o que se poderá disentir, princi-
palmente com o prefaciador dos 4 *Poe-
mas*, e que nos apparece também como
poeta no seu

Canto do Brasileiro Augusto Frederico

Schimidt, Rio, 1928

Este é, positivamente, desde que se possa ir além das suas folhagens de modernismo, um caso bem mais complexo, o que quer dizer, bem mais serio de alma moderna, não no sentido de realização de um dado typo literario, mas justamente porque se debatem no seu, com maior ou menor profundidade, todas as angustias e todas as esperanças da hora actual.

Pessoalmente Augusto Frederico Schimidt se impõe como um attentado a todo sentimento pœtico, com a *classica physionomia romantica* que inconscientemente lhe emprestamos. Schimidt é um baiacu' vulcanico, trepidante, ameaçando esmagar tudo em roda com o corpanzil a crepitar de gargalhadas e guinchos intencionaes, literarios, philosophicos, ultramodernistas, ultra anti-passadistas.

Mas a poesia não morre no bojo desta tempestade. A ingenuidade se desnuda, ás vezes, do modo mais inesperado. Já vi este titanico brasileiro moderno, Augusto Frederico Schimidt, encabular, tontear, empallidecer, ficar mudo ante uma pequena de 4 annos, que perguntou numa sala: "porque este homem gordo se ri tanto?"

Não faço caricatura. Augusto Frederico Schimidt faz parte integrante do seu *Canto*. E' mais do que autor. E' titulo tambem. Falei da base physica do seu espirito, e deste, propriamente, mostrei algumas violentas linhas exteriores.

Não me resta duvida, porém, de que no *Canto* é que está o verdadeiro brasileiro, que elle quer ser, e se revela, como disse, de uma complexidade digna de attenção, e não sei se mais para augmentar as nossas tristezas, se para reforçar as nossas esperanças.

Como já tivemos occasião de notar, Augusto Frederico Schimidt, até prefaciou os 4 *Poemas* do Sr. Brasil Pinheiro Machado, applaudia essa desecberta do Brasil por um processo de creança enfronhada em literatura.

Mezes depois a sua crise subjectiva, assim se revela:

Não quero mais o amor,
 Nem mais quero cantar a minha terra.
 Me perco neste mundo
 Não quero mais o Brasil
 Não quero mais geographia
 Nem pitoresco.

Não se engane ninguem, porém, com a linguagem tropega, com seu pronuncio do infantilismo. Este é puramente artificial e literario.

Ninguem se espante com as contradicções de facto, que se seguem. Schimidt cantará o Brasil, fará a sua geographia humana, não desprezará o pittoresco. Mas tudo isto é assim porque Augusto Frederico Schimidt, pela primeira vez, talvez, em sua vida, deu de frente, realmente, consigo mesmo ou tocou o fundo do seu coração.

E elle não estará longe de ser um dos casos mais dolorosos da nossa sensibilidade mystica, sensibilidade que, profunda nas suas raizes, vindas de camadas obscuras, escondidas, longinquoas, da nessa formação, jamais se completou, jamais teve o mesmo desenvolvimento para o alto, e não pode nunca desdobrar-se em consciencia mystica, em força superior de redempção individual.

Nós conhecemos o sabor dos desejos, das ansias divinas. Não sabemos ainda se nos será possivel alcançar a paz, o descanso em Deus.

Quem já meditou a palavra do Admiravel não a pôde esquecer mais: "A primeira propriedade da alma é uma nudez essencial, sem imagens. E é por ella que semelhamos e estamos unidos ao Pae é á sua natureza divina".

Ora, o homem moderno de que é typo o poeta deste *Canto* parece sentir-se vestido de mais, ter a alma suffocada ao peso das vestes mais improprias ao clima para o qual se sente atrahido. Em poesia é a imagem tão sobreposta á realidade, que acaba por não represental-a e, sim, por substituil-a completamente, movendo-se, pois, o espirito não fóra do mundo, numa esphera superior, mas num horizonte artificial, de méra schematisação poetica, isto é, da poesia mais inferior.

Os homens como Schimidt, tanto quanto es podemos comprehender, ten-

tam, mais ou menos conscientemente, reaver a nudez do Paraizo. Esquecem que foram expulsos delle, e que aquellas portas estão guardadas por um anjo. Esquecem a queda e as suas consequencias. Mas não será um merito do homem moderno? Não ha nessa ingenua pretensão uma prova da mysteriosa actividade da Redempção?

Este, creio, o aspecto mais serio, mais significativo de uma poesia como a do nosso brasileiro Augusto Frederico Schmidt, aspecto que é preciso apprehender sob o montão de queixas e desalentos da alma descontente do mundo e duvidosa de si mesma.

Quero perder-me no mundo
Para fugir do mundo.

Sou uma confissão fraca
Sou uma confissão triste
Quem comprehenderá meu coração?

Elle é "o homem que chora", o homem que se sente "rasgado de raivas inermes e enermes". Caminha sosinho por viélas escuras.

Mas notae para onde já o guia a inspiração da sua tristeza do mundo:

E a terra era pura
E puros os homens
E tudo tão puro!
Nos galhos as frutas maduras pendiam.

E todos os rithmos do coração brasileiro, de repente, desandam na mais tumultuosa conquista de uma unidade superior.

Falam como em surdina, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, na voz alterada do brasileiro Schmidt, e até de Portugal recebe a vaga de saudosismo dos gemidos innocentes de Anto.

Que imagens tão doces!
Que vidas tão simples!
Que moças tão lindas!

Não é Casimiro de Abreu?

E a lua chorava seu choro macio
E a lua deitava seu oleo oloroso
Na pele tostada das lindas mulheres.
E as cobras se erguiam nas mattas escuras
Sagradas e lindas — bandeiras estranhas
Mil cores sombrias corriam no chião.
Depois no silencio da noite serena
Os homens pensavam nas lutas e guerras
Nas pescas e caças — que vida meu Deus!

Gonçalves Dias não falava assim?

Meu Deus!

(nem precisão de mundo...)

Meu Deus que te occultas em tudo o que existe,
Tira-me a tristeza que lenta sufoca
O meu coração.
Meu Deus a innocencia primeira tracei-me,
São Jorge na lua!
Meu Deus explicai-me que eu vivo tremendo!
Meu Deus aclarai-me!

Eu tenho saudade de luas estranhas —
Eu tenho nos olhos paisagens estranhas —

Quebrariam estes versos o caracter do *Só* de Antonio Nobre? Mas, em todos elles, o que ha de caracteristico, de essencial, de proprio do brasileiro moderno, que arfa e aneia no bojo de Augusto Frederico Schmidt, é a quasi absoluta nudez de imagens, é um gosto amargo da realidade, e, por consequente, um poder muito mais agudo de penetrar-a, de acompanhar-a se se affasta para o passado.

E depois, se bem que de um ponto de vista todo de sensibilidade, de uma voluntaria quasi cegueira da intelligencia, o desinteresse mystico, o desejo ardente da pobreza espiritual, a revolta contra as riquezas adventicias, exteriores:

Tombae dos meus dedos thesouros imensos
Perdei-vos pra mim...
Senhor Deus fazei com que eu fique

Bem preso a minha terra
 Sou leve
 Sou balão.
 Sinto que em breve irei perder-me
 No espaço puro
 Na amplidão!

Dai-me correntes!
 Senhor Deus ancorai-me!
 Quero ficar preso
 Quero ficar.

Até que, afinal, Schimidth descobre a sua razão de ser, a razão do seu immenso desconsolo, da sua trepidação, dos seus terrores, do seu gosto de viver:

Meu Deus olhae para mim!
 Meu Deus sou brasileiro!
 Sou brasileiro.
 Brasileiro sem rumo
 Brasileiro sem cabeça
 Perdido -- perdido no seu paiz.

Meu Deus olhae pra mim
 Me abençoa que eu sou brasileiro.
 E o brasileiro que não tem nada
 E o brasileiro que está sosinho
 O brasileiro tem coração!

E' um horror, como se vê, este brasileiro, e até dá vontade de rir quando o descobrimos, por nossa vez, a despedaçar-se assim ladeira de si mesmo abaixo, para agarrar o proprio coração.

Mas nem por isto é menos serio o seu caso.

Não é possivel negar que elle é illustrativo, mais que outro qualquer talvez, da nossa inquieta procura de nós mesmos. Pois é evidente que ainda não sabemos se estamos para os lados de Deus, se só na terra bruta, se mesmo para os lados do demonio. Schimidt representa esta angustia de indecisão, tão aguda que tóca o ridiculo.

Neste poema de meia duzia de paginas, este é que é a verdade, não se teme de provocar um sabbat de todas as nossas miserias e esperanças.

JACKSON DE FIGUEIREDO

LETRAS FRANCEZAS



NOUVEAUX CONTES FÁSIS, recuillis d'après la tradition orale et publiés par Mohammed el Fasi et E. Derme nghem, Paris, Les Editions Rieder 1928.

E' a segunda collecção de contos norte-africanos, colhidos em Fez, a "linda cidade intacta de Moulay Idrios". A primeira appareceu em 1926 e teve, como terá esta, entre os que se interessam pela poesia e o folklore universal, uma justo successo. De facto o pitoresco, o sabor particularista de que estes contos são tão ricos, não preju-

dica a finura de expressão, o gosto, que os universalisam, e dão a medida da segurança com que foram escolhidos e traduzidos.

A nova collecção traz importantes notas comparativas, em que se revela todo o saber das traductores nesse difficil dominio da literatura comparada.

Quem gosta de bellas historias e tambem quem quizer ter a certeza da universalidade do bom senso na poesia popular, deve ler os "*Nouveaux Contes Fasis*".

OS NOSSOS LIVROS

O MOVIMENTO DAS IDE'AS

Suscitador de uma bibliographia interessante, Jackson de Figueiredo tem um logar notavel na corrente de modernos pensadores brasileiros. Elle é o orientador ou o porta-voz de um grupo que se não destaca pelo numero de valores e sim pela homogeneidade, pela consciencia com que todos se dirigem a um fim determinado. O Sr. Hamilton Nogueira, que nos deu, este anno, o livro *Jackson de Figueiredo, o doutrinário catholico*, é um dos discipulos efficientes do autor de *Pascal e a Inquietação Moderna*. O poeta, o ensaista, o jornalista politico são, em Jackson de Figueiredo, modalidades, mais ou menos incisivas, do homem de acção intellectual definido no subtítulo do livro citado.

Como doutrinário catholico, exclusivamente, é que Jackson de Figueiredo é tentado e impellido a penetrar em circulos a que sempre foi refractario por temperamento e educação. Elle se agita e caminha, como idealista da fé, ingressando em esferas de competição onde, porventura, ninguem mais vae animado por principios abstractos, isto é, sem utilidade immediata.

O livro do Sr. Hamilton Nogueira não é uma homenagem, porque é um acto de justiça feito ao philosopho christão e ao homem de espirito que é Jackson de Figueiredo, personalidade singularmente querida por seus meritos, incluindo os que não partilham das suas idéas, mas combatida por sectaristas de doutrinas religiosas e de facções politicas.

Do capitulo em que se apontam, no livro do Sr. Hamilton Nogueira, as causas da influencia daquelle escriptor sobre as nossas letras e a sua intuição do problema religioso brasileiro, vamos destacar estes periodos:

*Mas não foi sómente pelo seu valor literario já conhecido que Jackson de Figueiredo venceu a frieza agnostica dos nossos criticos e escriptores em geral.

Jackson dominou o seu tempo, porque, por uma admiravel intuição, comprehendeu immediatamente o problema religioso brasileiro em face da nossa intellectualidade.

Elle percebeu que a Igreja perdera o contacto com as letras brasileiras, e que esse divorcio fôra talvez uma das causas que poderosamente concorreram para a anarchia e a indisciplina intellectual do paiz.

Era preciso, pois, restabelecer esse contacto, vivificar as nossas letras, fazer resurgir o espirito christão que ainda permanecia esmagado por um pseudo escol de scepticos e scientificistas.

Com um grande ardor começou Jackson de Figueiredo a actuar intelligentemente sobre a nova geração, e dentro em pouco batalhadores, que comprehenderam, admiravelmente, que uma animação de idéas, para horizontes mais puros e mais claros, se impunha aos nossos homens de pensamento e de arte.

Foi elle, como observou com muito justiça Nestor Victor, o primeiro escriptor catholico brasileiro que olhou com sympathia aquelles que se achavam do outro lado, restabelecendo assim, sem ferir de modo algum a orthoxia de sua religião, os laços espirituaes que estavam rotos, desde o tempo do Romanismo, entre a Igreja e os meios literarios dominantes.

No bom sentido, pôde considerar-se como uma especie de pragmatismo a acção intellectual de Jackson de Figueiredo, neste terreno. Não que elle considere verdadeiro ou util, na sua totalidade, todo o esforço da nossa intelligencia, mas porque, numa civilização como a nossa, dirigida nas suas linhas geraes pelo influxo do Christianismo, era impossivel não encontrar no modo de expressão, em certas idéas deste ou daquelle autor, scintillações do genio catholico, reflexos dessa verdade suprema que ha vinte seculos é o amparo do genero humano.

Do "A B C", do Rio, em 5 de Maio de 1928.

JACKSON DE FIGUEIREDO

Sobre esse nosso digno conterraneo acaba de sahir mais um livro. Creio que é o terceiro ou o quarto escriptor patrio que se tem occupado, em volume, do novel poeta e pensador sergipano. Digo em volume, porque em artigos incertos em varios orgãos da imprensa brasileira e mesmo estrangeira são já numerosos os ensaios e estudos em torno da obra e da personalidade desse grande vulto de nossa nacionalidade.

Tossa da Silveira, o primoroso poeta de "Fio d'Agua"; o fino ensaista de "Remain Rollad" e da "Egreja Silenciosa", foi o primeiro que, em um pequeno e ainda insipiente folheto enfeixou as impressões do então bem jovem e pouco conhecido autor de "Bater de Azas", "Zingaros" e "Xavier Marques". O proprio Jackson achou extemporaneo o trabalho de Tasso. Pouco mais tarde escriptores de renome como Nestor Victor, Farias Britto, Mario de Alencar, Dias de Barros e outros se foram enthusiasmando pela capacidade, pela intelligencia e, principalmente, pela cultura notavel daquelle menino predigo. (Jackson era naquelle tempo, quasi um menino, embora já portador de um pergaminho, legado pela Faculdade de Direitos de Bahia). Temperamento vibratil, combativo, ostensivo mesmo, e ás vezes até hostile, Jackson atarvessava então uma phase bem difficil, no Rio de Janeiro, para onde o atrahira o seu espirito voluntarioso e incontentado. Combatido por uns, mal visto por outros, chocando-se com o meio effeminado e futil que constituem as rodas da Garnier e congeneres, mas já admirado e querido por um certo numero de escól, foi se firmando e vencendo a golpes de ousadia e coragem, sem se dobrar a ninguem, sem se humilhar, sem pedir. Perillo Gomes, moço intelligente, mas então quasi obscuro, aproximou-se de Jackson, tornou-se logo de uma grande admiração e amizade e conseguiu, sem demora, conquistar-lhe uma certa sympathia e afeição, que, pouco a pouco se foi tornando em verdadeira amizade. Levado pela benevolencia do novo amigo Perillo refugiou-se numa pequena e longinqua cidade do sul de Minas, e ali, em pouco tempo deu azas a sua bella intelligencia, cultuou-se e surgiu, amparado pelo braço vigoroso e decidido do amigo, no Rio de Janeiro, com um livro importante que lhe abriu as portas da publicidade; o "Penso e Creio".

Regressando Capital da Republica já trazia a idéa fixa, senão algum cabedal para manifestar, em livro, as grandes impressões e a admiração profunda que lhe despertaram a convivencia e a amizade de Jackson; modificára, por qualquer circumstancia o plano concebido e se limitou a escrever sobre a acção politica do nosso philosofo.

Externou-se no seu bem fundamentado e criterioso estudo sobre o "doctrinario politico".

Desta vez quem nos traz a publicidade a já inconfundivel individualidade do grande sergipano é Hamilton Nogueira, medico distincto, bonissimo, e illustrado, membro em destaque da Saude Publica do Rio, director de um dos mais importantes estabelecimentos de Caridade Publica da Capital do Paiz.

Este faz um estudo mais completo, mais circumstanciado; como o outro vibrante, talvez mesmo apaixonado, mas dessa paixão commedida e sensata, que não torce motivos, não agcita situações, não inventa qualidades para endeusar o seu idolo. "Dirão talvez es seus adversarios — aquelles mesmo que lhe negam o dom de attrahir amizade — que este livro é obra de amigo.

"Desta vez parece que acertaram. Na verdade, este livro é obra de amigo, pois não seriam certamente, seus adversarios os que lhe fariam justiça, reconhecido o alto valor que representa para a sociedade brasileira contemporanea e seu bellissimo movimento real vindicador do ideal christão".

Assim remata o autor de "Jackson de Figueiredo" o prefacio desse bom livro. Mas o seu trabalho é sobre tudo um movimento de justiça, e um esforço a mais, mais uma pá de cimento nessa grande obra de moralidade e de regenerencia, no grande edificio moral em que se vem empenhando um punhado de destemidos batalhadores a cuja frente indubitavelmente, com uma perseverança e dedicacão de apostolo se acha o nosso valoroso patrio. E esse movimento se faz cada vez mais necessario e imperioso quando vemos que a maioria absoluta no nosso Paiz onde uma corte superior de Justiça procura cercear a acção de um juiz honesto e bem intencionado e propensa se não, infelizmente, inteiramente immerso no pantanal da immoralidade e do crime. E é por isso que com muita razão, Hamilton Nogueira salienta:

"Em todos os ramos de nossa actividade, observa-se a mesma anarchia,

a mesma desordem, a mesma inconsciência moral". Aggripino Grieco, em uma substanciosa e interessante chronica sobre o livro de Hamilton Negueira, incerta no "O Jornal" parece lamentar que Jackson se tenha deixado empolgar pelos nossos problemas moraes e politico safastando-se da literatura propriamente dita.

E eu lamento o contrario: — que espiritos adiantados e illuminados de nossas letras se estejam absorvendo pelas melodias e encantamentos das letras deslisando ou melhor desdenhando desses casos mais serios que são o combate incessante e persistente pelo levantamento do snossos costumes em todos os ramos da vida nacional.

Bem haja livros como esse de que me venho occupando e que os nossos conterraneos procurem-no ler com attenção, colhendo nos exemplos desse batalhador incentivo e orientação para as suas actividades.

OLEGARIO SILVA.

"PALAVRAS DE ORGULHO"

De *Francisco Karam*.

Deixo as ultimas, "Palavras de Orgulho e de Humildade", de Francisco Karam, com a impressão de um poeta singularmente novo. Novo, na forma. Novo, na substancia. Personalissimo. O poeta, para o ser, não imita. Para valer, não extravaga. Para agradar, não contemporiza. E' franco, é simples, é sincero. "Orgulho" e "Humildade" casam-se bem nos seus modos de lyrico, a seu modo. Duas forças, porém, dominam na sua obra. O mysticismo e a natureza. Não chegam a ser, por coexistentes, o panthesisimo vulgar de outros poetas amigos das coisas e dos sêres, por attitudes literarias. A natureza surpreendida através de um vitral de templo. O sol, o céu, a noite, todos os aspectos, como expressões de si mesmo, interpretados dum angulo de sombra:

... Uma sombra disforme,
Onde eu me escondo, ás tardes,
Quando tudo dorme,
Quando eu sou uma sombra...

Ou visões de ternura religiosa entrevistas ao léo duma onda de incenso:

A minha voz canta uma cantiga, baixi-
nho,
Como se fosse, dentro de uma capella,
O leve murmurio de uma prece.

E o extase dos sentidos se propaga numa ondulação continua de perfumes, côres, enlevos, por seus versos, vibrantes dessa volupia, dessa graça, desse mysterio, que são na poetica de Karam, os motivos centraes de seus encantamentos deante da vida. Organização nobre, sensibilidade fina. Não ha dois Karans em nossas letras. Se mystico, ninguem melhor do que elle tem o dom do verdadeiro religiosismo em arte (sem confundir religião com mysticismo) que não é essa pieguice tacanha de poetas de sacristia a rezar versalhadas a todos os santos, como se, com taes recursos, nos quizessem provar talento, ou, o que é mais grave, fé authentica. O seu canto é vida interior.

Oh! essa tristeza crepuscular,
Que anda dentro de mim cantando,
Esses continuos sinos dobrando
Esse monotono dobrar...

Essa paisagem doente que vejo
Da velha igreja que sou eu.

Francisco Karam é um poeta religioso, ás directas. Porque antes de religioso, é um poeta. Os outros, que se inculcam de taes, pôdem, até o infinito, desfiar as contas dos seus rosarios penitentes, mas não conseguem um minuto de genuina emoção poetica. Se visionario das coisas pagans, sente-se no seu paisagismo verbal, em que as transfigura, á sua maneira vidente de artista, creador e não copista, esse gosto biblico dos canticos dos canticos:

Se os beijos florescessem
Ella ficaria coberta de rosas...

A sua exaltação situa-se, pois, entre o sentimento do além, do infinito, do impreciso e o sentimento da paisagem, do proximo, do humano. Cada affirmativa pôde ser documentada a rigor. Mas tenhamos pressa em dizer que a flamma de poesia que ha em Karam, tem mais de melancolica que de prazenteira. A nevoa do antigo, do pristino, do desolado, poisa em seus olhos, a cada passo. O proprio sol lhe apparecerá de burel de monge. Sente os pensamentos novos, mas as palavras velhas, como o tempo. Não é por desanimo. E' por

enfaro de sabedoria. Esse sabor de sciencia evangelica, que leva a achar desencantos no melhor esplendor do mundo (gozando-o, todavia), não chega a lhe insinuar renuncias em nome de salvações precarias. Ama a vida, com delicia, com febre, com allucinação. Mas sempre triste. Quando os sentidos das coisas são malbaratados com a emphase pessimista dos falsos poetas mystics, essa mysticidade irrita pela hypocrisia e pelo canhestro das visões amaneiradas. Mas quando são interpretados com a simplicidade, a sinceridade e, vamos dizer, com a coragem moça de Francisco Karam, encantam, seduzem, convencem. Resta saber de como trata o poeta o sentimento da terra:

Na minha terra, estrangeiro, as arvores
são gigantes,
De braços erguidos para o céu,
Para apanhar o fruto maduro das estrellas.

Explora o rythmo do grandioso. Mas não tarda a renovar o impeto em favor de melhor rythmo. A realidade acolhedora de um Brasil fraternal de toda a gente. Leiamos até o fim esse lindo canto:

Na minha terra, estrangeiro,
As nuvens entram pelas montanhas e
pelas mattas,
Para apanhar o fruto maduro das arvores.

Estrangeiro, na minha terra,
A chuva é uma caricia de dedos longos.
O sol é um sino de oiro, que acorda os campos
Com a sua voz doirada.

As fontes da minha terra são mãos em concha,
Estendidas para a tua boca.
Bebe, estrangeiro, e verás como a agua é amiga,
Como a agua é irman.

Fiquemos por aqui, com essa imagem aos olhos, gravativa como um symbolo.

CARLOS CHIACCHIO.

Transcripto de "A Tarde" da Bahia, 29-5-928.

Commemoração da Morte de D. Vital

Pela passagem do dia que assignala o meio centenario do fallecimento da morte do nosso patrono, recebemos o seguinte telegramma que muito nos desvenaceu:

‘Dr. Jackson de Figueiredo, presidente do Centro D. Vital. Rio.

Participo-lhe que na ultima sessão da Conferencia de S. Mauricio dos cadetes da Escola Militar do Realengo, foi approvedo unanemente o lançamento na acta, de um voto de applauso á obra reaccionaria do valeroso Centro D. Vital, por motivo do anniversario da morte do intrepido

Bispo seu patrono, cuja perfeita attitude de defensor da Verdade, hoje mais que hontem é necessario imitar.

(a) Sombra, presidente».

A este telegramma respondeu o nos-presidente, nos seguintes termos:

“Severiano Sombra, presidente da Conferencia São Mauricio, da Escola Militar do Realengo. Rio.

Agradeço attenciosa communicação seu telegramma. Apraz-me declarar-lhe que o Centro D. Vital deposita maiores esperanças na briosa mocidade que milita no seio da Conferencia de S. Mauricio, que V. S. dignamente preside”.

Bibliotheca de Ficção da Livraria Catholica

RUA RODRIGO SILVA N. 7 — RIO

COLLECÇÕES

Anthologia Universal

Historias varias — Manoel Bernardes	4\$000
Frei Luiz de Souza — Almeida Garret	3\$000
Em busca do corsario — Fernão Mendes Pinto	3\$000
Canto do natal — Carlos Dickens	3\$000
Pensamentos — Camões	3\$000
Novellas exemplares — Cervantes	3\$000
A Ilha dos thesouros — F. Mendes Pinto	3\$000
Diva — J. Alencar	4\$000
Mercador de Veneza — Shakespeare	3\$000
Pensamento — Marco Aurelio	3\$000
Contos de imaginação e misterio — Edgard Poe	5\$000
A Moreninha — J. Macedo	4\$000
O meu navio — Adolphe Petit	4\$000

ROMANCES

BIBLIOTHECA BLUE

Robert Darnetal — Ernest Daudet	6\$000
L'E'pave mysterieuse — Mme. Manteuil	6\$000
Le medaillon antique — Mme. Rousseau	6\$000
La carrière bolcheviste — Mme. D'Armagnac	6\$000
Terre d'Exil — Paul Cervières	6\$000

BIBLIOTHEQUE DE MA FILLE

La pupille du colonel — M. Maryan	4\$000
Roman d'automne — M. Maryan	4\$000
Petite Reine — M. Maryan	4\$000
Une Faute — M. Maryan	4\$000
Méprise — M. Maryan	4\$000
L'écho du passé — M. Maryan	4\$000
Maison Hantée — M. Maryan	4\$000
Pierres Vivantes — M. Maryen	4\$000
Lè roman d'èune héritière — Maryan	4\$000

Une cousine pauvre — M. Maryen	4\$000
Denise — M. Maryen	4\$000
Mariage de Monique — M. Maryen	4\$000
Les millions, d'Hervée — M. Maryen	4\$000
Odette — M. Maryen	4\$000
Une barrière invisible — M. Maryan	4\$000
Une Tache — M. Maryan	4\$000
Les chemins de la vie — M. Maryan	4\$000
Autour d'un Testament — M. Maryen	4\$000
L'hotel le tellemont — M. Maryan	4\$000
Le mystere de Kerhin — M. Maryen	4\$000
Roselyne — M. Maryan	4\$000
La villa des colombes — M. Maryan	4\$000
Le plan de la comtesse	4\$000
Le Roman d'un Médecin de Champagne — M. Maryan	4\$000
Pour jouir de la Vie — <i>Bezangon, Harriette</i>	4\$000
La clef du jardin du Roi — <i>Cheylus, J. de</i>	4\$000
La nouvelle leçon — <i>Ccyrac, A.</i>	4\$000
Invisible — <i>Présence — Le Miere, M.</i>	4\$000
Moune raconté por elle meme — <i>Maaquet, Renée</i>	4\$000
Le Tuteur de Marie Reine — <i>d'Arvor, M. A.</i>	4\$000
John chez les cigales — <i>Villetard, Pierre</i>	4\$000
Le Disparu — <i>Naline</i>	6\$000
Benjamin — <i>La Tour, M.</i>	4\$000
L'Obstacle — <i>Perrault, Pierre</i>	4\$000
Les brebis — <i>Saint-Cygné</i>	4\$000
Maman Cendrillon — <i>Floran, Mary</i>	4\$000
La bonne idée de Cousine Marie — <i>Le Maire, Eveline</i>	4\$000
Pour son fils — <i>Loisel, Yo.</i>	4\$000

Les ailes qui froient — <i>De Ker- rany, L.</i>	4\$000	A chacun sa Chimère — <i>Alain, Mathilde</i>	4\$000
Le Merle Blanc de Madmoiselie Fantasie — <i>Goularceau, M.</i>	4\$000	O. Jeunesse — <i>Aigueperre et Dombre</i>	4\$000
La Maison du rossignols — <i>Delly</i>	4\$000	Le Combats de la vie — <i>Aig. perre, Mathilde</i>	4\$000
Dans les ruines — <i>Delly</i>	4\$000	Main d'enfant — <i>Aigueperre, Mathilde</i>	4\$000
L'Échec — <i>Ceyrac, A.</i>	4\$000	La route a des épines — <i>Aigue- perre, Mathilde</i>	4\$000
Ame dormante — <i>Coulomb J. de</i>	4\$000	Le Choix de Maura — <i>Aigue- perre, Mathilde</i>	4\$000
Pêcheuse de Lune — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	COLLECCÃO "LA LISEUSE"	
Le Silence de Nadia — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Le Loup dans la Bergerie —	
L'ombre des heures — <i>Colomb, J. de</i>	4\$000	<i>Noel, Alexis</i>	1\$500
La Maison des Chevaliers— <i>Cou- lomb, J. de</i>	4\$000	Les vieux de la terre — <i>Bailly, Albert</i>	1\$500
Mari de Nadalette — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Roseline et l'amour — <i>Berthe- roy, Jean</i>	1\$500
L'ame de Pilate — <i>Colomb, J. de</i>	4\$000	Jeujou se marie — <i>Dyonne</i>	1\$500
L'île Enchantée — <i>Colomb, J. de</i>	4\$000	La fiancée inconnue — <i>Le Maire, Eveline</i>	1\$000
La Perre Philosophale — <i>Cou- lomb, J. de</i>	4\$000	L'avenir d'Aline — <i>Gréville, Henri</i>	1\$500
Fumées de Gloire — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Maialen — <i>Alciette, Pierre</i>	1\$500
Source Impure — <i>Colomb, J. de</i>	4\$000	L'Imagination fait le reste — <i>De la Brête, J.</i>	1\$500
La coupe d'or — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Monsieur Motte — <i>King, Grace</i> . .	1\$500
Le Chemin de Ronde — <i>Cou- lomb, J. de</i>	4\$000	Les Sentiers du Coeur — <i>Alice et Claude Askene</i>	1\$500
Terre Interdite — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	La fiancée du Comte Guy — <i>Junka —Paul</i>	1\$500
La Cité de la Paix — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Maryvone — <i>Lavent, Henry</i>	1\$500
La Forêt qui chante — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Monsieur Beaucaire — <i>Tarkin- gton, Booth</i>	1\$500
Le Court Circuit — <i>Coulomb, J. de</i>	4\$000	Les Contes de Minnie — <i>Lichten- berger, André</i>	1\$500
L'Irresistible Force — <i>Coulomb, de J.</i>	4\$000	C'est votre histoire — <i>Pederdriel- Vaissiere, J.</i>	1\$500
Une prison dorée— <i>De Buxy, B.</i>	4\$000	Après la tourmente — <i>Brada</i> . . .	1\$500
L'aumône fleurie — <i>De Buxy, B.</i>	4\$000	Soeur Alexandrine — <i>Champol</i> . .	1\$500
Second Mariage — <i>De Buxy, B.</i>	4\$000	Aimer quand même — <i>La Brête, Jeande</i>	1\$500
Le chateau du silence — <i>Beau- dignecourt, A.</i>	4\$000	Laurence Albani — <i>Bourget, Paul</i>	1\$500
Le Romandu capitaine Autry —		A la recherche d'une perle — <i>Be- zançon, Henriette</i>	1\$500
<i>Bister, Henry</i>	4\$000	Vaillante — <i>Vincente, Jacques</i> . .	1\$500
Dans l'ornière — <i>Bruyère, An- dré</i>	4\$000	Le mauvais par — <i>Des Gachons, Jacques</i>	1\$500
Les Junquilles du Valauré —		Le nouveau docteur — <i>Pravieux, Jules</i>	1\$500
<i>Bruyère, André</i>	4\$000	Pour sauver la reine — <i>Lion, Marie</i>	\$1500
Le Jardin du philosophe —			
<i>Bruyère, André</i>	4\$000		
Faustula — <i>Ayscough, J.</i>	4\$000		

A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma creatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originaria das fermentações do lodo da terra.

L. VEUILLOT.

SUMMARIO

D. Vital.....	1
A Igreja e a civilização contemporanea— <i>Tristão de Athayde</i>	12
Joseph de Maistre e a contra revolução — <i>Jackson de Figueiredo</i>	13
Amnistia.....	16
A conferencia de Sr. Calogeras.....	17
A questão politica do Mexico.....	19
Introdução á Philosophia Tradicional ou Classica — <i>H. Petitot</i>	20
Poesia — <i>Francisco Karam</i>	28
Néo — Thomismo.....	29
Um parecer sobre o ensino.....	30
O discurso do sr. Barão — <i>Ildefonso Oliveira</i> ...	31
As famosas irmandades.....	33
14 de Julho.....	34
D. Manoel Gonçalves Cerejeira.....	35
O Senador Barbosa Lima e a Igreja.....	36
Bibliographia.....	37
Os nossos livros.....	43
Commemoração da morte de D. Vital.....	46

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

BANCO POPULAR DO BRASIL

Instituição Catholica de Credito, Fundada em 1915

END. TEL. "BANSIL"

Rua da Quitanda, 59

Edificio proprio

TELEPHONE NORTE 570

Capital realizado: 1.325.880\$000

Fundo de Reserva: 400.000\$000

EMPRESTIMOS POPULARES:

Depositos:

CONTA DE MOVIMENTO

Até 30 dias, sem juros;

Mais de 30 dias até 10.000\$000 retirada livre 4 %.

DEPOSITOS POPULARES

Até 20.000\$000, retirada de 1.000\$000 por dia, 5 %.

Qualquer quantia, retirada de 500\$000 por dia, 6 %.

PRAZO FIXO

Até 50.000\$000, em caderneta ou letra de:

6 a 11 Mezes. 7 %.

12 » 24 » 8 %.

24 Mezes em diante. 9 %.

Nenhum depositario poderá movimentar mais de uma caderneta de 4 %.

A DIRECTORIA:

Felix Mascarenhas,

Dr. Bianor de Medeiros,

Presidente

Gerente

Carlos V. Ferreira da Costa